



Instituto de Letras
Departamento de Teoria Literária e
Literaturas
Monografia em Literatura

ANNA OLIVEIRA BARBOZA

16/0001404

A HISTÓRIA LENTA DO BRASIL EM *VIDAS SECAS*, DE GRACILIANO
RAMOS: LITERATURA, MODERNIZAÇÃO E REVOLUÇÃO

Brasília-DF
2019

Anna Oliveira Barboza

**A HISTÓRIA LENTA DO BRASIL EM *VIDAS SECAS*, DE GRACILIANO
RAMOS: LITERATURA, MODERNIZAÇÃO E REVOLUÇÃO**

Monografia apresentada ao Departamento de Teoria Literária e Literatura da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Edvaldo Aparecido Bergamo

Brasília-DF
2019

AGRADECIMENTOS

A gratidão nos torna pessoas melhores e nos faz enxergar o mundo com outros olhos.

Sou imensamente grata à minha família, por todo o apoio ao longo da graduação, aos meus pais que sentem orgulho de mim por ser a primeira a se graduar da família. Agradeço aos meus irmãos, que me ajudaram imensamente, pelas vezes que me buscaram tarde da noite na UnB e por colaborarem em tudo que preciso.

Agradeço aos meus amigos, que me incentivaram a não desistir, em especial, Kamila.

Meus agradecimentos ao professor Dr. Edvaldo Bergamo, pela atenção e orientação para escrever esse trabalho.

A todos que estiveram e estão comigo, o meu mais sincero, Muito Obrigada!

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	05
A FORMAÇÃO DO ROMANCE DA SECA.....	07
GRACILIANO RAMOS, ROMANCISTA DE 30	19
<i>VIDAS SECAS</i> : MODERNIZAÇÃO CONSERVADORA E REVOLUÇÃO ADIADA.	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.	46

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem a intenção de analisar a figuração da história do Brasil por intermédio do romance *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, que narra a trajetória de retirantes que tentam fugir da miséria e da seca encontrada no sertão nordestino. Essa obra é considerada um retrato da sociedade brasileira, pois sua literatura permite fazer uma interpretação do que foi o Brasil dos anos 30 e em como os problemas encontrados naquela época continuam atuais.

Na literatura e na história, a mudança tão aguardada pela melhoria de vida não ocorre ou dá-se muito lentamente, ou melhor, estagna-se; a vida das pessoas é uma constante luta, tudo parece ser feito com demasiada lentidão, por isso a semelhança com o avanço político/econômico da nação. Com o foco literário, será possível traçar um paralelo dos romances *O Sertanejo*, *Luzia Homem* e *Os Sertões*, que tratam da seca, da miséria, do sofrimento enfrentado pelo nordestino na sobrevivência diária, na sua mentalidade e desejos de uma vida melhor.

A história política do Brasil é marcada por grandes conflitos e por mudanças nas formas de governo. Saímos da monarquia para o sistema democrático presidencialista e, após, passamos pelo período ditatorial. Esses acontecimentos fizeram com que houvessem revoluções e criações de grandes demandas sociais, pois as pessoas não estavam satisfeitas com as suas relações de trabalho e com a forma que os seus superiores acumulavam capital às suas custas. Reformas nos âmbitos agrários e trabalhistas se tornaram as questões-chave do século, situações essas que se refletem na literatura e no nosso cotidiano atual.

Lidar com a história do Brasil é saber que os mais pobres vêm passando por necessidades desde cedo, sendo essa camada da população o lado desfavorecido, que carece de políticas públicas, mas que tentará chegar a algum lugar de melhora, porém, sempre não o alcançando.

A primeira parte do trabalho está voltada para a formação do romance da seca, na qual serão apontados três romances que abordam essa temática, para que possamos refletir sobre como a seca e os problemas sociais afetam tanto a população sertaneja. Mesmo com suas particularidades, cada romance demonstrará um pouco da história lenta do Brasil, que manteve a população sertaneja tão esquecida e permanente no atraso.

Na segunda parte, o foco está em Graciliano Ramos, autor de *Vidas Secas*, mostrando como surgiu o seu interesse em escrever sobre a seca e os problemas sociais, fazendo uma pequena relação com outras obras do autor, a fim de demonstrar como a sua escrita é carregada de criticidade.

Na última parte do trabalho, os apontamentos de José de Souza Martins serão enfocados, de acordo com sua obra *O poder do atraso: ensaios de sociologia da história lenta*, com o intuito de mostrar como o atraso do Brasil vem ocorrendo, bem como os seus impasses, contradições, revoluções e a história do país, que foi marcada principalmente pelo subdesenvolvimento. Todos esses fatos relacionados contribuirão para a análise do romance *Vidas Secas*, a fim de fazer uma reflexão sobre os principais problemas abordados no romance, desde a seca até às relações de poder estabelecidas. Outros autores, como Antonio Candido, Raymundo Faoro, Florestan Fernandes e Luiz Carlos Bresser-Pereira também serão mencionados para fazerem relação com a história do Brasil e com a intriga do romance. Dessa forma, nessa parte o intuito é mostrar como *Vidas Secas* é um romance síntese da história brasileira, tematizando a seca e seus problemas sociais recorrentes.

A FORMAÇÃO DO ROMANCE DA SECA

A relevância de um romance da seca é expressão de um período histórico em que o desenvolvimento e as condições climáticas do Nordeste são as mais desfavoráveis possíveis, dando a ver acontecimentos que vieram a inspirar a escrita para voltar-se aos problemas sociais, um assunto que se tornou mais frequente entre os escritores, sendo a literatura uma forma de representação de tal fenômeno natural e social.

Os romances sobre a seca do Brasil são um apanhado histórico/fictício que demonstram como a relação do homem com a terra subdesenvolvida se deu. O sofrimento de lidar com o trabalho diário e com os superiores fazendeiros, a fome e o sentimento de subserviência, da relação escravocrata e do sentimento de estar paralisado no tempo, sem qualquer expectativa de melhora, criaram ideias no nordestino sofrido. Este imaginava que haveria melhoras no êxodo rural, migrando sempre mais ao sul, buscando assim melhorias de vida, porém, sem nunca alcançá-la, pois a mudança é inacessível na sua condição.

Muitos autores apresentam em suas obras a problemática da seca nordestina na construção da sociedade; esses na segunda fase do modernismo, caracterizada pela presença constante do regionalismo, do lidar do ser humano com o ambiente em que vive, acentuaram a realidade das dificuldades sofridas pelo povo sertanejo. O fenômeno da seca impedia o crescimento de possíveis plantações feitas pelos homens do campo, juntamente com a criação de animais, o que provocou um dos mais frequentes problemas sociais, colocando a população em uma situação de extrema pobreza e fome.

Estudar a seca através da literatura deu a possibilidade de compreensão do seu significado às pessoas que até então tinham aquilo apenas no seu imaginário, encurtando assim quilômetros de distância do interior aos centros urbanos, apresentando a trajetória do sertanejo e o seu pesar na labuta diária. Apesar de os autores abordarem esse assunto de maneira ficcional, há um olhar de criticidade por trás e de reflexão, pois parte deles vivenciaram o sofrimento que é gerado pela seca.

O tema sobre a seca ganhou destaque desde muito cedo, se proliferando nas manifestações culturais, e não foi diferente na literatura, passando a ser abordado por grandes autores.

Em 1875 foi publicado o romance *O Sertanejo*, de José de Alencar, que apresenta sua história através de personagens característicos do sertão cearense do século XVIII. De acordo com Candido (2002, p.63), a obra de José Alencar é parte de

um projeto literário ambicioso, que pretendeu revelar os aspectos brasileiros da terra no –tempo e espaço. Ele buscou ressaltar na obra a nova descoberta dos portugueses, ao avistarem pela primeira vez as terras brasileiras, até então jamais percorridas. No trecho destacado por Candido –Esta imensa campina, que se dilata por horizontes infintos, é o sertão de minha terra natal [...] Quando tornarei a respirar tuas auras impregnadas de perfumes agrestes, nas quais o homem comunga a seiva dessa natureza possante? (ALENCAR, 1875, p. 2-3), a definição de campina é um ambiente desprovido de –pessoas, casas, árvores, etc; sendo assim, José de Alencar apontou o que seria o sertão aos olhos do navegante vindo de Portugal. Perceberemos isso nos capítulos –O comboio e –A chegada, que nos remetem à descrição de como ocorreu a colonização do Brasil.

O narrador da obra é ao mesmo tempo um personagem, que por não conseguir se definir dentro da obra, acaba representando uma figura genérica da população que sofria com a fome, miséria e a seca. A história se passa no sertão de Quixeramobim no Ceará, no século XVIII, e conta a vida e as aventuras do herói do romance, o sertanejo Arnaldo, assim descrito:

Era o viajante moço de vinte e um anos, de estatura regular, ágil, e delgado de talhe. Sombreava-lhe o rosto, queimado pelo sol, um buço negro como os compridos cabelos que anelavam-se pelo pescoço. Seus olhos, rasgados e vívidos, dardejavam as veemências de um coração indomável (ALENCAR, 1875, p. 18).

Arnaldo, na trama do romance, é filho do falecido e respeitado vaqueiro Sr. Louredo que, por muito tempo, serviu ao Capitão-Mor Gonçalo Pires Campelo. Esse personagem não é simplesmente um empregado da Fazenda Oiticica, é o defensor da família, que ama e venera seu patrão com um amor filial, além de contar com a absoluta confiança do Sr. Capitão-Mor.

Na primeira parte do romance o narrador irá apresentar o tempo e espaço que se desenvolverá a história: ano de 1764, em Quixeramobim, Ceará, descrevendo o retorno do Capitão-mor e sua esposa, D. Genoveva à fazenda Oiticica, depois de uma estada em Recife. Lá conheceram Marcos Fragoso que se interessou por D. Flor, filha do Capitão-mor. No retorno à fazenda, Flor foi surpreendida por um incêndio na floresta, ocasionando um desmaio. Como ela estava distante do comboio, Arnaldo é quem a socorre neste momento, e quando chega a casa não se recorda do acontecido, não sabendo explicar quem a salvou. A culpa do incêndio é atribuída a Jó que morava

próximo à fazenda. Embora o incêndio tenha começado próximo à cabana de Jó, Arnaldo descobriu quem foi o verdadeiro culpado e esconde o velho numa caverna para protegê-lo do Capitão Gonçalo. Arnaldo sabe que o causador do incêndio foi Aleixo Vargas, o Moirão. Aleixo deixa claro para Arnaldo que o ocorrido se deu por conta da humilhação feita a ele pelo Capitão. Essa relação de superioridade é vista em muitos romances, em que o mais pobre é visto como inferior e sofre humilhações.

Na segunda parte, numa montaria entre os primos Gonçalo e Marcos Fragoso, este confessa sobre a dificuldade do capitão conceder a mão de Flor. Marcos Fragoso com a intenção de se exhibir diz que domará o boi Dourado para oferecê-lo no almoço. Dourado não foi domado nem pelo pai de Arnaldo, Louredo, grande campeador. O único que conseguiu domá-lo foi Arnaldo. Marcos Fragoso planeja sequestrar Flor, caso não seja concedida a mão da moça pelo Capitão. O Capitão nega o pedido de casamento de Fragoso.

Uma característica inicial que podemos perceber é que o legado de vaqueiro foi passado de pai para filho em relação a Arnaldo. Essa característica nos faz refletir na expectativa de vida, que por falta de opção e oportunidade não é possível encontrar no sertão nordestino, obrigando o indivíduo a não ter escape, pois essa falta de horizonte é o que está destinado a um indivíduo sem grau de instrução e em condições de vida deploráveis, demonstrada através da condição geográfica, histórica, política e econômica.

Ao passar por inúmeras privações, o -bruto|| sertanejo pode passar muito tempo vagando pelas terras agrestes, sem qualquer acesso à comida ou à água, ou praticamente tudo. A liberdade do sertanejo somente é alcançada e vivida mediante essas privações na visão de Alencar. Tal liberdade é prezada até o nível de adoração, pois ela é posta no âmbito do orgulho do -viver do pouco, e ainda agradecer a Deus|| por isso, afirmando: -que ganha com sobra, mesmo sem ter nada|| (Alencar, 1875, p. 161). O sertanejo Arnaldo acredita que a sua liberdade é suficiente para não ter o que cobiçar, pois é através dela que alcançará a sua honra no mundo.

O narrador traz para a trama a questão da modernidade versus a tradição, no momento em que nos informa que o sertão descrito no romance era cercado apenas de extensas fazendas e que o viajante teria que enfrentar dificuldades para chegar ao sertão de Quixeramobim:

Não era assim no fim do século passado, quando apenas se encontravam de longe em longe extensas fazendas, as quais ocupavam todo o espaço entre as raras freguesias espalhadas pelo interior da província.

Então o viajante tinha de atravessar grandes distâncias sem encontrar habitação, que lhe servisse de pousada; por isso, a não ser algum afoito sertanejo à escoteira, era obrigado a munir-se de todas as provisões necessárias tanto à comodidade como à segurança (ALENCAR, 1875, p. 4)

Por falta de estradas que pudessem facilitar o acesso ao sertão de Quixeramobim, o viajante tinha apenas duas escolhas: ou num comboio, ou à escoteira. Na primeira, o viajante dispunha de todas as provisões necessárias à comodidade como à segurança, na segunda, enfrentava sozinho os perigos do –desertoll.

Ao falar do espaço geográfico, também temos a água, que antes era abundante no rio, mas que agora é um elemento escasso, como demonstrado no trecho:

Duas torrentes caudais restam apenas os leitos estanques, onde não se percebe mais nem vestígios da água que os assoberbava. Sabe-se que ali houve um rio, pela depressão às vezes imperceptível do terreno, e pela areia alva e fina que o enxurro lavou. (ALENCAR, 1875, p. 11)

O homem sertanejo para José de Alencar é aquele que enfrenta todas as dificuldades de cabeça erguida, como se fosse de –coração indomável, é apegado à natureza e o seu *habitat natural* é o próprio sertão, tanto é que para Arnaldo a terra não é desconhecida, adversa em vários momentos por ele descrita, mas muito próxima, pois ele tem conhecimento de todos os mínimos detalhes que podem ocorrer numa mínima alteração do meio em que vive. Esta natureza é que o torna forte e diferente dos outros homens que a habitam. Sendo assim, Arnaldo consegue exemplificar de forma brilhante dentro do romance o modelo de vida sertaneja, principalmente em sua condição de subalterno, vaqueiro e sem sua própria moradia.

De acordo com o autor José Maurício G. de Almeida, a respeito das obras de José de Alencar *Iracema* e o *Guarani*:

Metaforicamente, poder-se-ia afirmar que o sertanejo é o descendente direto de Peri e Ceci, de Martim e Iracema. Vivendo em regiões isoladas, sem grande contato com os centros litorâneos, tem evolução cultural relativamente autônoma, por isso mesmo mais –autêntica (ALMEIDA, 1981, p. 35).

Se o homem sertanejo vive longe dos centros urbanos, o homem urbano, representado também pelo personagem Marcos Fragoso, era aquele nascido nas fazendas, mas que abandonava o seu lugar de nascimento para viver nas grandes

cidades. Carrega o cargo de capitão, o que demonstra uma superioridade em relação a Arnaldo, já que usufruía de riquezas, tinha condições melhores de vida e, sendo assim, a melhor opção para ser marido de D. Flor.

Podemos atribuir a Arnaldo as características de um indígena que carregando as peculiaridades de sua condição, convive integrado ao mundo social da fazenda em que trabalha. Porém, há um nível de submissão entre Arnaldo e seu patrão, capitão-mor, já no final do romance, perceptível no trecho: –E para si, Arnaldo, que deseja? Insistiu Campelo. – Que o Sr. capitão-mor me deixe beijar sua mão; basta-me isso.– Tu és um homem, e de hoje em diante quero que te chames Arnaldo Louredo Campelo.¶ Nesse sentido, o sertanejo é considerado um homem só depois de receber o sobrenome de seu patrão.

Por fim, como considera Candido (2002, p. 67), esta obra literária é uma –tentativa de transpor situações cavalheirescas equivalentes às da ficção romântica europeia para o século XVIII do Nordeste brasileiro, marcado pela rusticidade da pecuária.

Outro romance de suma importância que trata da seca é *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, publicado em 1902. Segundo Brogni, Wolff e Canabarro (2008, p. 64) a obra foi dividida em três partes; I: –A Terra (meio) em que ele analisa o condicionamento geográfico; II: O Homem (raça) em que analisa física e psicologicamente o sertanejo e III: A luta (momento) em que narra as quatro expedições do governo contra Canudos.¶ Inicialmente, esta obra tinha o intuito de ser apenas uma notícia para o jornal —Estado de São Paulo, mas acabou se tornando uma obra-prima, que revelou o que realmente teria acontecido em Canudos, diferente do que a mídia contava. Esse detalhamento sobre a guerra se deu devido ao fato de Euclides da Cunha ter sido um dos enviados para cobrir a batalha, o que rendeu ao autor a publicação de *Os Sertões*, com base em sua experiência.

De acordo com Florestan Fernandes (1977, p.35), a tiragem do livro *Os Sertões* foi o marco divisor no processo de criação das ciências sociais no país. Foi devido a ele ser –o primeiro ensaio de descrição sociográfica e de interpretação histórico-geográfica do meio físico, dos tipos humanos e das condições de existência no Brasil [...]. Desde então, o pensar sociológico pode ser tratado como uma forma de consciência e de –explicação do mundo, inserida no sistema sociocultural brasileiro. Sendo assim, podemos afirmar que essa obra é fundamental para a compreensão da formação histórica do país.

Aprofundando sobre a primeira parte do romance, em *–A Terra*, temos um apanhado geral sobre os caracteres geológicos e topográficos das regiões que medeiam entre o Rio Grande do Norte e o sul de Minas Gerais, principalmente a bacia do Rio São Francisco. É apresentada com riqueza de detalhes a descrição geográfica das regiões sertanejas de Monte Santo (Canudos), que abrangem os rios Vaza-Barris e Itapicurus. Nos sertões do norte, Euclides trata sobre a seca e sua causa, dando maior importância ao papel do homem que, praticando desde os mais remotos tempos uma agricultura primitiva baseada nas queimadas, destruiu florestas, sendo assim, trazendo consequências à população, que sofreria com as secas posteriormente. Percebemos que a seca é considerada um terror para a população em todo o Nordeste, como demonstrado no seguinte trecho:

O sertão de Canudos é um índice sumariando a fisiografia dos sertões do Norte. Resume-os, enfeixa os seus aspectos predominantes numa escala reduzida. É-lhes de algum modo uma zona central comum.

De fato, a inflexão peninsular, extremada pelo cabo de S. Roque, faz que para ele concurram as lindes interiores de seis Estados — Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Ceará e Piauí — que o tocam ou demoram distantes poucas léguas.

Desse modo é natural que as vicissitudes climáticas daqueles nele se exercitem com a mesma intensidade, nomeadamente em sua manifestação mais incisiva, definida numa palavra que é o terror máximo dos rudes partícios que por ali se agitam — a seca. (CUNHA, 1984, p. 17)

Na segunda parte do romance, em *–O homem*, encontramos um perfil do sertanejo, no qual o autor promove um levantamento dos traços psicossociológicos do homem brasileiro. Segundo Ribeiro (2016, p.2), o autor irá construir nessa parte, inspirado na influência *–darwinista, positivista e determinista*, o que viria a ser a teoria dos *–dois Brasis*, que tratava-se das diferenças raciais *–entre os habitantes do litoral e os sertanejos*. Euclides da Cunha tenta elucidar as características atuais mais expressivas das *–sub-raças* sertanejas, pois, segundo ele, esta é uma raça volátil, que deveria com urgências ser catalogada e analisada, para assim se criar um registro como parte da história. Além disso, o autor é o pioneiro:

[...] na época a afirmar que a complexidade das raças no Brasil é um problema que está apenas delineado, não tentando - como fizeram os outros cientistas da época - encontrar um tipo etnológico único. As três raças principais seriam: o negro banto, o indo-guarani e o branco derivando destas os mestiços mais característicos: o mulato (produto do cruzamento do negro e do branco), o mameluco ou curiboca (derivado do cruzamento do branco e do tupi) e o cafuz (produto do cruzamento do tupi e do negro). (Brogni *et al*, 2008, p. 64)

Além disso, seguindo a sua visão, um país de mestiços nunca alcançaria a civilização, pois:

A mistura de raças mui diversas é, na maioria dos casos, prejudicial. Ante as conclusões do evolucionismo, ainda quando reaja sobre o produto o influxo de uma raça superior, despontam vivíssimos estigmas da inferior. A mestiçagem extremada é um retrocesso (CUNHA, 1984, p. 48)

Porém, é interesse notar que, apesar do autor usar termos como –raça superior|| e –raça inferior||, é perceptível uma mudança de ideia por parte do autor, que passa a admirar o homem sertanejo:

A raça superior torna-se o objetivo remoto para onde tendem os mestiços deprimidos e estes, procurando-a, obedecem ao próprio instinto da conservação e da defesa. (CUNHA, 1984, p. 49)

O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral. (CUNHA, 1984, p. 51)

Nesse caso, o mestiço do sertão se tornaria superior ao mestiço do litoral, pois o do litoral é considerado degenerado e fraco, enquanto o outro é formado sob o forte sol do sertão, considerado uma raça forte e antiga, aquele que enfrenta as piores dificuldades, como a seca.

Na última parte da obra, –A Lutall, temos a narrativa sobre as quatro expedições do exército enviadas para atacar Canudos. É importante entendermos que a Guerra de Canudos ocorreu de 1896 a 1897, no interior da Bahia. Sua principal causa se deu a partir da ocorrência de um grande período de seca e desemprego permanente. Até então os pequenos lavradores, trabalhadores livres e vaqueiros, encontravam trabalho com os grandes latifundiários, porém a crise os deixou sem moradia e trabalho. A população acreditava em uma salvação milagrosa que protegeria os sertanejos vitimados pelas adversidades do tempo e da exclusão econômica e social. A guerra se iniciou com o incômodo por parte da imprensa, do clero e dos latifundiários em Canudos se tornar uma cidade independente, com novos habitantes e valores. Em Canudos, esses novos habitantes juntaram-se a Antônio Conselheiro, um homem que acreditava ser enviado de Deus para acabar com as diferenças sociais e com a cobrança de impostos. CALANSAS descreve como Antônio Conselheiro conseguiu muitos seguidores:

Antônio Conselheiro, rezando, dando conselhos, praticando a caridade, construindo igrejas, levantando cemitérios, fazendo tanques para guardar

água em regiões secas, o Bom Jesus Conselheiro conseguiu dominar uma grande parte das populações nordestinas, incluindo pobres e remediados, brancos, negros, índios, curibocas, mulatos, velhas rezadeiras e mulheres erradas, homens de enxada e clavinoteiros destemidos, gentes de todas as idades e oriundas de distantes pontos dos sertões, uma imensa massa humana calculada em mais de 20 mil pessoas|| (CALASANS, 1970, p. 33-34).

Euclides da Cunha narra a crueldade sofrida aos restantes dias da guerra, enquanto apontava, minuciosamente, o cair por terra da tese da superioridade de Canudos: –os soldados degolavam e estripavam os que ousavam sobreviver ao massacre que recaiu sobre o povoado de Canudos do modo mais bárbaro possível|| (REZENDE, 2001, p. 224). Apontou também a reação dos sertanejos diante ao massacre: –Permaneciam mudos, estoicos, inquebráveis. Pareciam ressurgir das cinzas||. (REZENDE, 2001, p. 224)

Com essa obra, entendemos que o autor encontrou a separação da nação brasileira entre os povos litorâneos e os interioranos. O entendimento do que essas duas partes representam permite a compreensão do Brasil como um todo. No primeiro Brasil temos a sociedade com valores da elite e republicanos e polos de desenvolvimento político e econômico, concentrado principalmente no eixo Rio-São Paulo, demonstrando a modernização. Já no segundo Brasil, estavam os sertanejos, residentes no interior e sem acesso a muitos benefícios que eram desfrutados pelo restante da população, vítimas de um atraso econômico, político e social. Euclides afirmava possuir uma –feição serena de filho|| pelo Brasil República, porém tal sentimento rapidamente se esvaneceu. Tal fato ocorreu devido à falsa promessa levantada pelo novo sistema de governo que, logo em seus primeiros momentos de vigência, demonstrou estar aquém aos objetivos difundidos na propaganda que impulsionou a queda do antigo regime imperial (Pimentel, 2010, p. 26).

A terceira obra analisada trata-se de *Luzia Homem*, de Domingos Olímpio, publicada em 1903. A história se passa em Sobral, no ano de 1878, período em que o Ceará enfrentava uma grande seca:

Não havia mais esperança. Os horóscopos populares aceitos pela credence, como infalíveis: a experiência de Santa Luzia, as indicações do Lunário Perpétuo e a tradição conservada pelos velhos mais atilados, eram negativas, e afirmavam uma seca pior que a de 1825, de sinistra impressão na memória dos sertanejos, pois olhos-d'água, mananciais que nunca haviam estancado, já não merejavam. (OLÍMPIO, 1983, p. 20)

Luzia enfrenta a seca com a ajuda de sua força física, o que lhe rendeu o apelido de Luzia-Homem, pois era muito produtiva e trabalhava melhor do que os homens da região. Era filha de um vaqueiro, profissão essa muito presente no sertão nordestino: –Eu me chamo Luzia Maria da Conceição. Sou filha do Ipu. Meu pai, que Deus haja, era vaqueiro das Ipueiras do Major Pedro Ribeiro (...) (OLÍMPIO, 1983, p. 28).

Luzia era uma retirante em busca de sobrevivência, que sai de sua cidade natal, juntamente com sua mãe doente, em busca de condições mais favoráveis. Em Sobral ela encontra abrigo e emprego na construção de uma cadeia pública, –Luzia encontrara em Sobral, abrigo e fáceis meios de subsistência; mas pressentia iminente perigo do capricho ou paixão brutal de Crapiúna (OLÍMPIO, 1983, p. 20).

Crapiúna é um dos soldados da cadeia, é considerado um mau soldado, que acaba obcecado por Luzia, que não corresponde aos seus cortejos, atitude essa que lhe deixa cada vez mais obcecado pela moça.

Alexandre é amigo de Luzia, trabalha no armazém da Comissão e é considerado um bom rapaz, dedicado e afetuoso, demonstrando ter um sentimento por Luzia.

Os dois personagens citados anteriormente são –os enamorados de Luzia, sendo que Crapiúna era o soldado de –maus bofes, e Alexandre, que trabalha no armazém distribuindo a ração para os retirantes, representam, respectivamente, as forças antagônicas do mal e do bem (ARAGÃO, 2008, p. 41).

Terezinha também é amiga de Luzia, e ao falar dessa personagem, o narrador do romance faz com que a moça se sinta castigada pelos erros que cometeu (fuga da casa dos pais para viver com o amante e o envolvimento com a prostituição após a morte do amante). Enquanto Luzia trabalha, é Terezinha quem cuidará de sua mãe, Zefa.

Terezinha, ao ver um tumulto na região, ficou sabendo que Alexandre tinha sido preso por roubar o almoxarifado do armazém. Luzia e Terezinha acreditavam que o amigo era inocente e enquanto aguardavam pelo julgamento, levavam comida todos os dias à Alexandre.

Na primeira visita de Luzia à cadeia, é questionada sobre o seu apelido por um promotor:

- Por que lhe deram essa alcunha?

- Eu lhe digo, seu doutor. Desde menina fui acostumada a andar vestida de homem para poder ajudar meu pai no serviço. Pastorava o gado; cavava bebedores e cacimbas; vaquejava a cavalo com o defunto; fazia todo o serviço da fazenda, até o de foice e machado na derrubada dos roçados. Só deixei de usar camisa e ceroula e andar encoirada, quando já era moça demais, ali por obra dos dezoito anos. Muita gente me tomava por homem de verdade. Depois meu pai, coitadinho, que era forte como um touro, e matava um bode taludo com um murro no cabeloiro, morreu de moléstias, que apanhou na influência da ambição de melhorar de sorte, na cavação de ouro no riacho do Juré. Daí em diante, começamos a desandar. Minha mãe, sempre muito doente, e nós duas muito pobres de tudo, menos da graça de Deus, vendemos as miúças e cabeças de gado, que tiramos à sorte da produção da fazenda, os animais de campo e até o meu cavalo castanho-escuro, calçado dos quatro pés e com uma estrela na testa... o meu querido Temporal... Tudo isso para não morrermos de fome quando veio esta seca... (OLÍMPIO, 1983, p. 28)

Na explicação de Luzia entendemos que para ter o mínimo de sobrevivência era preciso trabalhar duro, pois havia a exploração por parte dos fazendeiros, que ofereciam o ínfimo em troca de grande trabalho braçal. Desde cedo era preciso se submeter a essas condições de trabalho, tanto é que o pai de Luzia morreu por tanto trabalhar e não realizou a sua ambição de melhores condições de vida. O que restou à Luzia foi continuar em busca de -oportunidades e vender os animais que possuía para não morrer de fome. O apego à religião seria uma forma de consolo e de esperança.

Como relata Salete de Almeida Cara em seu artigo, -Luzia-Homem: um romance naturalista, acerca do trabalho e salário oferecidos pelo governo aos retirantes operários:

[...] o governo, bom patrão, oferece como —salário panelas —repletas de comida, pagando em rações, que eram —verdadeiras gulodices para as infelizes criaturas. Ao mesmo tempo, a construção da penitenciária traz certeza de —trabalho para todos, racionalmente distribuído segundo as condições físicas de cada um. O narrador exalta a construção como uma (estranha) ode ao trabalho de —retirantes operários, resumido como —meloopia do trabalho amargurado ou feliz. Os retirantes operários se reúnem como num —formigueiro (-incessante vaivém de figuras pitorescas, esqueléticas, pacientes) e lembram —heroicos povos cativos, erguendo monumentos imortais ao vencedor, e à própria —maldade humana, que tem o projeto da penitenciária como —lúgubre monumento. (CARA, 2013, p. 76)

Terezinha é a primeira a desconfiar do soldado Crapiúna sobre o roubo que acusavam Alexandre, pois o viu tirando uma bolsa cheia de dinheiro. Conta o ocorrido para Luzia, e no dia seguinte, Quinotinha conta à Luzia que ouviu Crapiúna confessando o crime à uma mulher. Juntando essas informações, Luzia vai até a delegacia e conta o que sabe ao delegado, que não acredita inicialmente em Luzia,

passando a acreditar apenas depois que ela desvenda todo o mistério em uma armadilha contra o soldado. Sendo assim, Alexandre foi absorvido e Crapiúna preso.

Com o fim desses acontecimentos, Alexandre havia proposto a Luzia que morassem em uma serra, juntamente com a sua mãe e a família de Terezinha. Escolheram a casa e estavam em processo de mudança e Terezinha foi a primeira a ajudar com a arrumação da casa. Os homens levariam a rede com dona Zefa pela estrada e Luzia seguiria por um atalho. Luzia caminhou até chegar a um rio, no qual ouviu um grito. O ex-soldado Crapiúna havia fugido da cadeia e segurava nos braços Terezinha, mas Luzia interviu:

-Deixe a rapariga, seu Crapiúna – bradou Luzia, avançando, resoluta e destemida.

O soldado voltou-se como um tigre, ferido pelas costas.

Diante da moça, em postura de firmeza impávida, magnífica de vigor e de beleza, o soldado empalideceu, fez-se lívido, e recuou, como se um prestígio sobre-humano lhe aplacasse os ímpetos incoercíveis de cólera e de vingança.

- Luzia! – murmurou ele, quase súplice – Não lhe quero fazer mal... Sou um desgraçado, um miserável... Pedi-lhe outro dia, pelo amor de Deus, um instantinho de atenção. Não fez caso; não teve dó de mim... Agora vai se decidir a minha sorte...

Dois gritos medonhos restrugiram na grot. Crapiúna, louco de dor, embebera-lhe no peito a faca, e caía com o rosto mutilado, deforme, encharcado de sangue.

- Mãezinha!... – balbuciou Luzia, abrindo os braços e caindo, de costas, sobre as lajes.

(...) Crapiúna, ganindo de dor, estorcia-se, erguia-se, nuns movimentos loucos, comprimido, sob as mãos, o rosto mutilado; caía e erguia-se de novo, até que rolando de pedra em pedra, se sumiu no precipício... (OLÍMPIO, 1983, p. 147-148-149)

Luzia foi vítima da obsessão de Crapiúna, e por conta disso acabou sendo morta. O ex-soldado, uma figura que geralmente podemos enxergar como praticamente do bem, nos mostrou que não importa as classes sociais e nem a sua ocupação, qualquer um está sujeito a praticar maldades, principalmente aqueles que usufruem de alguma autoridade, assim como em *Vidas Secas*. O desfecho da obra sela a precariedade de todos, porém mostra Luzia como heroína, uma sertaneja que lutou de todas as formas para sobreviver, enfrentando inúmeras adversidades.

As obras aqui mencionadas fazem um paralelo com a obra de Graciliano Ramos por também abordarem a temática –seca, além de darem enfoque ao homem sertanejo, ao sertão e à condição social da população sertaneja, que é marcada pela precariedade. Em *O Sertanejo* temos a representação do homem sertanejo, mostrando os seus costumes, atividades e sua forte ligação com a natureza e a terra. O personagem principal é vaqueiro, assim como Fabiano em *Vidas Secas*, e exerce suas funções com

submissão ao patrão. A obra tenta mostrar que o campo está resguardado das influências dos centros urbanos, conservando a sua forma original de viver, as tradições e costumes do país. Em *Os Sertões*, há todo um enfoque para a geografia do sertão, a formação do sertanejo e do acontecimento da época, que foi a luta em Canudos. Apesar de ter como intuito apenas relatar a batalha, Euclides da Cunha foi além e fez denúncias relevantes sobre a condição sertaneja e sobre a posição autoritária do governo, que massacrou toda a população de Canudos, mostrando a realidade da guerra. E por último, em *Luzia-Homem*, temos em evidência a força da mulher nordestina, que mesmo passando por dificuldades, se mantém firme para lutar pela sobrevivência, mas em contrapartida, há a exploração do trabalhador da terra, fazendo com que os sertanejos se dirigissem às serras úmidas do litoral, atrás de água, trabalho e melhores dias. Além disso, há a opressão através das relações de poder encontradas no soldado Crapiúna e na prisão de Alexandre de forma injusta. Todas as obras, de certa maneira, evidenciam que não há realmente uma mudança que beneficie a população sertaneja, e o papel da literatura, nesse sentido, é de evidenciar/figurar todo o sofrimento do Nordeste, que se mantém esquecido até os dias atuais.

GRACILIANO RAMOS, ROMANCISTA DE 30

Graciliano Ramos, semelhantemente aos outros escritores das décadas de 20, 30 e 40, presenciou um mundo de fortes crises sociais e econômicas, no qual a república velha não mais se sustentava, fazendo com que a miséria passada pela população mais carente (ao Norte e Nordeste) se evidenciasse e que as obras desses autores trouxessem à superfície esses problemas.

Traço interessante ligado às condições específicas do decênio de 1930 foi a extensão das literaturas regionais e sua transformação em modalidades expressivas cujo âmbito e significado se tornaram nacionais, como se fossem coextensivos à própria literatura brasileira.

É o caso do "romance do Nordeste", considerado naquela altura pela média da opinião como o romance por excelência. A sua voga provém em parte do fato de radicar na linha da ficção regional (embora não "regionalista", no sentido pitoresco), feita agora com uma liberdade de narração e linguagem antes desconhecida. Mas deriva também do fato de todo o País ter tomado consciência de uma parte vital, o Nordeste, representado na sua realidade viva pela literatura. (CANDIDO, 1989, p. 187)

O assunto sobre o avanço que o país tanto ansiava por ocorrer foi evidenciado e trazido à realidade, pois a sua inviabilidade foi apontada e discutida sobre o viés do atraso ainda tão presente e sem previsões de se dissipar. Como Mário Vieira de Mello relata na obra de Antonio Candido a respeito da perspectiva de -país novo, aquele país do imaginário que não facilmente ocorreria:

Sem ter havido modificação essencial na distância que nos separa dos países ricos, o que predomina agora é a noção de "país subdesenvolvido". Conforme a primeira perspectiva salientava-se a pujança virtual e, portanto, a grandeza ainda não realizada. Conforme a segunda, destaca-se a pobreza atual, a atrofia; o que falta, não o que sobra. (CANDIDO, *apud* Mello, 1989, p. 140)

Graciliano, como os demais citados, marcou seu legado com a obra *Vidas Secas*, que funcionava como um compêndio de denúncias da segunda parte citada por Mello: as injustiças, os problemas e a miséria que assolavam o sertão. O que caracteriza o contraste extremo da literatura prévia (romantismo), que exaltava as peculiaridades -belas encontradas na nossa geografia, a nossa fauna e flora eram as protagonistas dos relatos escritos:

A ideia de prática se vinculava estreitamente à de natureza e em parte extraía dela a sua justificativa. Ambas conduziam a uma literatura que compensava o atraso material e a debilidade das instituições por meio da supervalorização dos aspectos regionais, fazendo do exotismo razão de otimismo social. (CANDIDO, 1989, p. 140)

As obras eram baseadas na esperança de um lugar melhor, de algo que fosse ser aperfeiçoado com o tempo. Porém, a corrupção do homem é a principal âncora que impede esse progresso, criando –um paradoxo inconcebível em face das grandiosas condições naturais‖ encontradas na terra (CANDIDO, 1989, p. 141). A revolução esperada da queda da monarquia, que, na visão da fase anterior, traria o progresso de forma natural não mais é o esperado, dando lugar a um pessimismo realista e sombrio. Fatos que evidenciam a necessidade de uma mudança nas formas em que as políticas estão lidando com o atraso do subdesenvolvimento.

Com o subdesenvolvimento evidenciado, a ficção regionalista atuou como um –termômetro‖, que deixou de lado a representação com amenidade e com características curiosas para o retrato fidedigno e realista, apresentando a miséria e o atraso como jamais antes, transformando assim esses autores nas principais formas denunciativas do que se passava na grande parte da recém-república (CANDIDO, 1989, p. 141).

De acordo com Patto (2012, p. 225), Graciliano Ramos viveu meses de reclusão no ano de 1936, vítima da perseguição das forças getulistas, pois era simpatizante pelo Partido Comunista, acusado de envolver-se com essa agremiação política. Permaneceu assim em trabalhos forçados ou preso em porões de navios ou celas de presídios, porém, sem provas aparentes ou sem possibilidade de defesa. Através das experiências que teve como prisioneiro produziu o livro –Memórias do Cárcere‖. Ele fez parte da –Geração de 30‖, um grupo de artistas que utilizava o seu trabalho como forma de evidenciar uma –sociedade vincada de espoliação e opressão‖, assim, Graciliano –valendo-se da linguagem oral e regional, [...] fala da decepção política que sobreveio nas décadas de 1930-1940‖, o que pode ter revelado o seu lado crítico ao governo, o que resultou à sua perseguição.

Juntamente com outros autores, Graciliano fazia uso do gênero da prosa em suas obras, devido à imensa variedade de temas retratados e da complexidade que esses tomavam. Tal fato ia em contramão com as propostas inovadoras da geração modernista, porém, como um dos objetivos da geração de 30 era justamente tornar as denúncias acessíveis ao grande público, devido a estes autores terem experienciado a sincronia temporal das variantes política, econômica e os –[...] problemas sociais e escreveram sobre isso tudo como forma de crítica e possibilidade de mudança de atitude fazendo mudanças na maneira de pensar de seus leitores [...]‖ (Morais, 2015, p. 3), de dar voz às informações contidas em suas obras por intermédio de uma escrita próxima dos –planos social e histórico‖ era indispensável. Moraes ainda afirma que:

A literatura ajuda a compreender uma sociedade e sua forma de viver na medida em que provoca mudanças de atitudes, os olhares dos escritores sobre seu tempo e espaço e o que eles querem introduzir como mudança social em seu período. Observando os problemas sociais e através dos romances fazendo críticas aquele modelo de sociedade, procurando introduzir na memória dos leitores, valores sociais e políticos de outras nacionalidades. (Morais, 2015, p. 3)

Como influenciador literário, é possível imaginar como Graciliano Ramos sentiu-se na obrigação de realizar esse trabalho de divulgação e de denúncia das atrocidades políticas e sociais que impactavam várias vidas nas primeiras décadas do século XX. Usando da ficção, ele foi capaz de montar um documentário verossímil e de passar de forma literária os pesares que, em uma sociedade ainda não globalizada, eram considerados como acontecimentos isolados. Expressam-se nas linhas escritas pelo autor traços de sua ideologia e da forma política que ele interpretava o mundo, pois as pessoas eram vítimas constantes das desigualdades e desamparadas pelo Estado democrático. Talvez fosse possível que, ao escrever o romance, esse demonstre o quão insatisfeito estava com o quadro político brasileiro e quisesse assim, apontar os defeitos da república instituída no período.

Em suas obras, Graciliano Ramos reproduz a questão da relação de seus personagens, criando o confronto entre o homem ordinário contra os poderosos de classes autoritárias e contra os próprios fenômenos da natureza:

Graciliano Ramos, ao mesmo tempo em que assume o privilégio que o diferencia do personagem, o faz de modo a apresentá-lo e a analisá-lo - é nisso que reside a especificidade e o valor de sua obra, assim como a posição que ele ocupa na moderna ficção brasileira. Vidas secas, como parte de uma tradição local ("os sucessivos esforços"), radicaliza uma questão básica da ficção brasileira - a da relação narrador (letrado) - personagem (iletrado). (BASTOS, 2006, p. 92)

Em *São Bernardo* (1938), Graciliano apresenta um personagem que teve a vida sofrida, de labuta na roça e de miséria, uma vida cercada de violência e de abusos; tanto dos que Paulo Honório sofreu e dos que veio a cometer para os outros na sua volta por cima na vida. Demonstrando assim um ciclo, que para ser bem sucedido, é necessário passar por cima de tudo, até mesmo dos que lhe queriam bem. Sua história se inicia com um crime que marcará o início da sua reviravolta na vida:

Até os dezoito anos gastei muita enxada ganhando cinco tostões por doze horas de serviço. Aí pratiquei o meu primeiro ato digno de referência. Numa sentinela, que acabou em furdunço, abreei a Germana, cabritinha sarará danadamente assanhada, e arrochei-lhe um beliscão retorcido na popa da bunda. Ela ficou-se mijando de gosto. Depois botou os quartos de banda e

enxeriu-se com o João Fagundes, um que mudou o nome para furtar cavalos. O resultado foi eu arrumar uns cocorotes na Germana e esfaquear João Fagundes. Então o delegado de polícia me prendeu, levei uma surra de cipó de boi, tomei cabacinho e estive de molho, pubo, três anos, nove meses e quinze dias na cadeia, onde aprendi leitura com o Joaquim sapateiro, que tinha uma bíblia miúda, dos protestantes. (Ramos, 2009, p. 12)

Paulo Honório, cansado da labuta diária na base da enxada, decidiu optar por outras formas de ascensão social, enganando e sendo enganado pelos outros. Até que eventualmente obtém a sua fazenda São Bernardo, obtida através de dívidas de empréstimos realizados ao antigo dono. Nesse momento é perceptível a troca de lugares realizada pelo personagem, em que esse se torna exatamente quem o oprimia quando esse dependia do trabalho pesado para sustentar-se.

Graciliano, em *Caetés* (1933), outro romance de 30, retrata a história de João Valério, personagem que se envolve com a esposa do melhor amigo, levando este à desgraça e ao suicídio no isolamento. João Valério assume então as posses de seu amigo Adrião, uma vez que era seu sócio, incluindo também a sua esposa:

Afastei-me, tremendo na escuridão, receando que alguém me encontrasse. À porta de casa retrocedi, com a ideia esquisita de procurar a minha estrela protetora sobre o monte negro. E sorri interiormente. Fui à beira do açude, avistei-a. Tinha mudado de lugar e estava menor. Contemplei-a, supersticioso, quase convencido de que ela me enviava parabéns lá de cima. (RAMOS, 2013, p. 89)

Essa obra foi importante para Graciliano porque ela marcou o fim do movimento naturalista/realista em sua literatura, abrindo assim espaço para as obras a seguir. Analisando a cronologia do autor, é possível perceber a sua transição da escola literária citada para o seu regionalismo sertanejo, atacando diretamente por intermédio da ficção as situações deploráveis que presenciou e sentiu.

A ficção de Graciliano Ramos é uma ferramenta que nos permite adentrar a realidades distantes e de inúmeras possibilidades, histórias que antologam vários fragmentos cotidianos de pessoas comuns. De acordo com Costa e Sacramento:

[...] entendemos as narrativas literárias como expressão do imaginário social de determinado contexto histórico, traduzindo-se em importantes recursos para se evocar as experiências do viver, sobretudo, como intersecções entre o sujeito e a realidade, e possibilitando o olhar crítico, capaz de desconstruir paradigmas firmados como verdades, não obstante, dissonantes das especificidades que permeiam o corpo social. (Costa e Sacramento, 2012, p.61)

A década de 30 foi muito importante para os acontecimentos do romance *Vidas Secas*, Graciliano já possuía tanto o repertório literário, oriundo das obras sobre a seca e a naturalista anteriores, como o cultural, pela experiência contida em si dos anos de sua vida nas áreas mais áridas do Brasil. A sua escrita é carregada de verossimilhança e de seus próprios pesares e revoltas com o atual estado político brasileiro; o atraso se fazia presente em todas as áreas da vida do sertanejo e a inconsciência das autoridades a respeito das necessidades desses.

Com a intenção de expor tal conjuntura, Graciliano acabou criando uma obra que transcendeu décadas de discussões e até o momento ainda movimenta questionamentos sobre o tratamento dado ao povo sertanejo, que ainda aparenta estar à margem do interesse público. Com o seu amadurecimento literário, o autor focou os seus esforços em apontar as injustiças e a miséria que assola o território nordestino, tanto as de causas naturais quanto as causadas pelo impacto do ser humano sobre o outro.

Sobre Graciliano Ramos, Candido ainda relata que:

A experiência da vida social levou-o à mencionada repulsa contra as normas, incompatibilizando-o com a sociedade que elas regulam. A leitura de seus livros mostra que, antes de qualquer adesão ao comunismo, já havia na sua sensibilidade a inconformada negação da ordem dominante e certa nostalgia de humanidade depurada, que formam o que foi designado acima como o seu fundamental anarquismo. A adesão representa precisamente aspiração a uma sociedade refeita segundo outras normas, portanto completa de modo coerente a sua negação do mundo, indicando que ela era, na verdade, negação de um determinado mundo – o da burguesia e do capitalismo. (CANDIDO, 2006, p. 94).

Dessa forma, os romances de Graciliano buscavam transparecer sua indignação com a sociedade, além de mostrar os elementos que colaboram para entendermos a sua atitude política, pois –Graciliano Ramos, tanto na obra fictícia quanto na autobiografia, é um negador pertinaz dos valores da sociedade e das normas decorrentes (CANDIDO, 2006, p. 86).

A segunda fase do modernismo conseguiu romper com as estruturas do passado, apresentando uma nova concepção para a linguagem através de significativas inovações formais e estéticas, denunciando assim o interesse pela experimentação literária. A obra de Graciliano tem relação com o histórico-estético do romance de 30 na formação da literatura brasileira, tendo em vista que a sua obra, mesmo de caráter ficcional, foi fundamental para compreender o período de 30. Luís Bueno (2006) acredita que Graciliano foi um dos escritores que produziu a literatura mais interessante

no período e de maneira mais consistente. Bueno também considera que o autor tinha total capacidade para transitar livremente nos intervalos entre as polarizações culturais dos anos 30 para encontrar caminhos que integrassem, por exemplo, o social e o psicológico, o político e o estético. A literatura modernista foi de suma importância para dotar o Brasil de uma literatura de caráter nacional, como forma de se refletir também na história do país, que é o que acontece na obra de Graciliano Ramos.

VIDAS SECAS: MODERNIZAÇÃO CONSERVADORA E REVOLUÇÃO ADIADA

Vidas Secas funciona como uma espécie de sismógrafo estético, no sentido de perceber as contradições e os impasses da modernização e revolução brasileira. Sendo assim, a literatura de *Vidas Secas* demonstrará que a história do Brasil sempre foi lenta.

Vidas Secas retrata a vida de uma família de retirantes sertanejos que por conta da seca necessitam se deslocar de tempos em tempos para áreas menos castigadas por esse fenômeno. Segundo Antonio Candido (2006, p. 66), ninguém melhor do que Graciliano, –estabelece e analisa os vínculos brutais entre homem e natureza no Nordeste árido, pois o autor é marcado por uma visão socialista, além de ter passado por experiências acerca da realidade social nordestina.

De acordo com o sociólogo José de Souza Martins, –a história da sociedade brasileira tem sido uma história inacabada, uma história que não se conclui, uma história que não chega ao fim de períodos definidos, de transformações concluídas. (1994, p. 11). Podemos afirmar que a história do Brasil sempre foi uma história pela espera do progresso, porém um avanço que nunca foi alcançado em sua totalidade. Em *Vidas Secas* encontramos uma interpretação da história lenta do Brasil, que é marcada principalmente pela corrupção e pelo subdesenvolvimento.

Segundo Martins (1994), o atraso é um instrumento de poder, principalmente pelo fato da sociedade possuir um Estado com relações políticas atrasadas, baseadas no coronelismo, na dominação tradicional de base patrimonial e no oligarquismo. É esse retrocesso que impede com que aconteçam importantes mudanças na sociedade, como a Reforma Agrária, e também, é o responsável por impossibilitar a –tomada de consciência dos verdadeiros entraves à transformação social (NASCIMENTO, 2017, p. 66). Tendo em vista a questão da reforma agrária, *Vidas Secas* é um romance que denuncia o descaso social, a exploração humana e o grande latifúndio, um fato que impede a autonomia dos pequenos produtores rurais do semiárido e o acesso à propriedade de terra.

O latifúndio no Brasil tem seus reflexos com base na chegada dos portugueses, em 1500, que dividiram o país em grandes lotes de terras (as capitanias hereditárias), doadas aos nobres em forma de concessão de uso. Os donos das capitanias subdividiam seus lotes de terra em sesmarias, o que aumentava ainda mais a concentração de terras. O sistema de sesmarias tinha o objetivo do domínio útil da terra a um beneficiário, mas

esse domínio estava limitado ao fundamento do cultivo, que caso não fosse feito, haveria a anulação da adoção, voltando assim, ao domínio real, podendo a terra ser concedida a outro indivíduo.

Segundo Martins, a concessão das terras só acontecia através da vassalagem:

Não era um direito, mas uma retribuição. Portanto, as relações entre o vassalo e o rei ocorriam como troca de favor. A lealdade política recebia como compensação retribuições materiais, mas também honrarias, como títulos e privilégios, que, no fim, resultavam em poder político e, consequentemente, em poder econômico (MARTINS, 1994, p. 23)

Os proprietários das sesmarias, os chamados sesmeiros, tornavam-se grandes proprietários de terra, que além de as concentrarem, ocupavam cargos públicos de grande importância e garantiam seus interesses próprios, excluindo os interesses do restante da população. A partir disso, o processo de formação da propriedade privada foi iniciado no Brasil.

De acordo com Fioravanti, para José de Souza Martins há uma persistência do passado nas estruturas sociais, políticas e econômicas do Brasil:

Essa permanência é compreendida de modo totalmente imbricado à questão fundiária. O processo de dominação privada da terra por sujeitos sociais específicos e posterior consolidação de uma aliança entre propriedade da terra e capital (em essência, uma aliança entre as classes sociais dos capitalistas e dos proprietários de terra) teceram duras amarras na sociedade brasileira. Este passado persiste e, não apenas explica o presente, como está a cada momento permeando instituições, estruturas e valores. (FIORAVANTI, 2016, p. 9)

A base da política brasileira tem sido a política do favor, que tem resultado em grandes discussões acerca do público e o privado, colocando o oligarquismo e o clientelismo como importantes instrumentos que garantem a legitimidade política do Brasil, pois –as oligarquias submetem a seu controle o jogo político do Estado, obrigado a formar alianças políticas tradicionais e a realizar concessões ao clientelismo político para governar‖ (FIORAVANTI, 2016, p. 10). Sendo assim, entendemos que as oligarquias acabaram controlando todo o aparelho de Estado, desde o início do século até o regime militar de 1964 e até mesmo os governos da –Nova República‖.

De acordo com Martins, a sociedade brasileira tinha consciência da necessidade de adoção de reformas sociais, sendo que –a reforma agrária era, certamente, a mais central delas e a que tocava mais profundamente as relações de classe‖ (1994, p. 73). A partir de 1950 começaram a surgir ligas camponesas e

sindicatos rurais, e ainda com a atuação da Igreja Católica e do Partido Comunista Brasileiro, os camponeses ganharam força para lutarem em favor à reforma agrária. Diante das mobilizações em prol da redistribuição fundiária, em 1965 foi aprovado o Estatuto da Terra, implementado pelo governo militar. O governo temia que ocorresse uma revolução camponesa, por isso arquitetou um falso compromisso, sendo que –a promessa de uma reforma agrária foi a estratégia utilizada pelos governantes para apaziguar os camponeses e tranquilizar os grandes proprietários de terra.‖

Nesse sentido, a reforma agrária foi sempre adiada ou realizada de modo superficial, posto que a real intenção era a de sustentar o modelo capitalista do patronato rural. FIORAVANTI relata que a estratégia realizada pelos militares:

Fortaleceu a relação dos grandes capitalistas com a propriedade fundiária e suas implicações políticas, manteve a propriedade privada da terra e afastou a possibilidade de expropriação dos grandes proprietários de terra. A Reforma Agrária foi orientada, neste sentido, para resolver o que se considerava como um problema militar (e não social). (FIORAVANTI, 2016, p. 11)

Os impasses da reforma agrária é um dos problemas que podemos analisar ao lermos a obra de Graciliano Ramos, que mesmo sendo um assunto que ganhou maior atenção apenas anos mais tarde em relação ao romance, é uma questão que pode ser debatida no período de 30, visto que foi um período marcado por incertezas e por instabilidade social e política.

Através da obra de Graciliano Ramos podemos refletir sobre o atraso do Brasil e em como esse descompasso vem acontecendo desde há muito tempo. Sabemos que o protagonista do romance e sua família eram retirantes que necessitavam de moradia. Essa família era composta por Fabiano, Sinhá Vitória, o menino mais novo, o menino mais velho, a cachorra baleia e o papagaio. Esse último acaba sendo comido por Sinhá Vitória, em consequência de sua fome e já que o animal era –mudo‖ e –inútil‖. Em busca de moradia, Fabiano e sua família encontram uma fazenda abandonada e lá se acomodam e imaginam uma possibilidade de melhorar de vida, inicialmente por acreditarem que teriam um pedaço de terra, um local para viverem, já que aparentemente a fazenda encontrada estaria abandonada: –Estavam no pátio de uma fazenda sem vida O curral deserto, o chiqueiro das cabras arruinado e também deserto, a casa do vaqueiro fechada, tudo anunciava abandono. Certamente o gado se finara e os moradores tinham fugido‖ (RAMOS, p. 5).

Terem encontrado uma -fazenda sem vida¹ é sinônimo da devastação da seca, que fez com que as pessoas que ali moravam fugissem deste local. Apesar desse fato, a ideia era de que -a fazenda renasceria - e ele, Fabiano, seria o vaqueiro, para bem dizer seria dono daquele mundo² (RAMOS, p. 7). Nesse momento, percebemos que o pouco já se tornava o mundo para a família, pelo simples fato de terem agora uma moradia, um privilégio.

Para a aflição de Fabiano e a família, a fazenda encontrada tinha um dono. Para terem moradia de forma temporária era preciso que Fabiano se submetesse a usar sua força de trabalho, pois era o único meio que possuía para garantir a sua existência. A família era sem-terra e totalmente dependente. Com esse fato percebemos uma das primeiras manifestações de atraso em relação à questão da terra, pois mesmo sendo um lugar aparentemente abandonado e sem estruturas favoráveis, havia um fazendeiro, um grande criador de gado, que não abriria mão daquele espaço sem nada em troca.

Observando essa questão no romance, fazemos relação com os latifundiários, grandes proprietários de terra que concentravam grande porção de terra, enquanto os sertanejos, que sofriam com a seca, fome e miséria, não tinham espaço para produzir e acabavam explorados, pois havia uma relação de dependência com os donos das terras para que conseguissem alguns trocados. Sendo assim, a terra era concentrada nas mãos de poucos privilegiados.

Em relação à postura do patrão de Fabiano, o romance nos mostra que esse era um homem ranzinza, desonesto e explorador. Segundo o escritor Thiago Miotto Salla, -mais do que a seca causada pela inclemência da natureza, o que oprimiria Fabiano e sua família seriam as relações de dominação estabelecidas pelos próprios homens³. Isso se inicia com as atitudes praticadas pelo patrão de Fabiano, que o explora e que representa a repressão política, colocando o seu empregado como vítima da opressão do homem através das relações de poder. Alguns trechos exemplificam essa relação:

O patrão atual, por exemplo, berrava sem precisão. Quase nunca vinha à fazenda, só botava os pés nela para achar tudo ruim. [...] Fabiano ouvia as descomposturas com o chapéu de couro debaixo do braço, desculpava-se e prometia emendar-se. Mentalmente jurava não emendar nada, porque estava tudo em ordem, e o amo só queria mostrar autoridade, gritar que era dono. Quem tinha dúvida? (RAMOS, p. 11)

O patrão realizava com pena e tinta cálculos incompreensíveis. Da última vez que se tinham encontrado houvera uma confusão de números, e Fabiano, com os miolos ardendo, deixara indignado o escritório do branco, certo de que fora enganado. (RAMOS, p. 42)

As contas do patrão eram diferentes, arranjadas a tinta e contra o vaqueiro, mas Fabiano sabia que elas estavam erradas e o patrão queria enganá-lo. Enganava. (RAMOS, p. 63)

Tendo em vista a relação entre patrão e empregado, Martins faz importantes apontamentos acerca da exploração do trabalho, pois segundo esse autor, –os grandes fazendeiros estavam habituados a levar a exploração do trabalho até o limite máximo, exercendo uma relação de poder pessoal imune à intervenção da Justiça (p. 103). O ato de o trabalhador pedir permissão para o patrão é um fato que afirma a relação de mando e obediência entre essas figuras, o que demonstra uma relação baseada em poder pessoal, e o fato de não haver intervenção da Justiça é mais um atraso, já que muitas vezes não ocorria por haver corrupção e também pelo fato de não haver naquela época as leis trabalhistas.

Segundo Magalhães (2015), Graciliano Ramos consegue fazer uma relação direta entre a seca e o latifúndio em passagens do romance, no qual ressalta o poder dos brancos na figura do patrão ladrão e exigente: –Tudo seco em redor. E o patrão era seco também, arreliado, exigente e ladrão, espinhoso como um pé de mandacarul. (RAMOS, p. 12)

O patrão é ladrão pelo fato de não entregar a Fabiano o salário combinado, enganando-o no momento de fazer as contas. Além disso, é um patrão insolente, que ameaça Fabiano quando ele questiona sobre o dinheiro recebido, mandando-o procurar outro serviço caso continue reclamando. O interessante é que Fabiano tem conhecimento sobre as atitudes do patrão, tanto é que solicita à Sinhá Vitória que faça as contas que deveria receber, porém, o sertanejo não levanta outros questionamentos, aceitando as atitudes do patrão.

A chegada de Getúlio Vargas ao poder em 1930 e o fim da República Velha são fatos que estão ligados à Crise de 1929, que abalou o mundo capitalista ocidental. A economia brasileira foi demasiadamente afetada com o preço internacional do café em grande baixa, o que causou prejuízo principalmente aos cafeicultores brasileiros, tendo em vista que a economia do país girava em torno da produção do café e o comércio mundial. A economia brasileira era considerada agrário-exportadora subdesenvolvida:

O controle externo dos negócios de exportação e importação, bem como a construção de uma rede moderna de comércio, de bancos e outros serviços, redundava num processo crônico de capitalização para fora, ou seja, de exportação do excedente econômico como consequência da integração dependente na economia capitalista mundial. (FERNANDES, 1968, p. 46).

Getúlio Vargas deixa claro que é necessário que as indústrias influenciem no poder político, com adoção de medidas protecionistas e mudando a política econômica da República Velha, que fornecia benefícios apenas aos plantadores de café. Com esses fatos, é possível perceber um verdadeiro impasse na Revolução de 1930, pois:

[...] a revolução não consegue alijar inteiramente do poder a velha oligarquia e terá sempre de pagar tributo às velhas formas de poder, que se configuram na área rural, especificamente ao coronelismo; pois, embora haja um surto de modernização que transforma as cidades, com a criação de novos sindicatos e de conquistas trabalhistas, a estrutura do campo continua inalterada e as relações de exploração persistem as mesmas. A base da economia agrária ainda é o latifúndio, mesmo nos estados do sul, onde o capital industrial já avança. (MAGALHÃES, 2015, p. 36)

O governo Vargas foi cheio de oscilações, mas sempre baseado no coronelismo e no clientelismo, mantendo uma relação conservadora do poder político entre a burguesia e a oligarquia. Sobre esse governo, Martins relata que:

O governo Vargas parece ter sido, do começo ao fim, um suceder de jogos políticos executados com maestria e competência. Porém, marcado por inúmeras incertezas. Isso talvez explique por que Vargas estabeleceu com os –coronéis| sertanejos uma espécie de pacto político tácito. Em decorrência, o governo não interferiu diretamente nem decisivamente nas relações de trabalho rural, não as regulamentou, indiferente ao seu atraso histórico, embora, ao mesmo tempo, regulamentasse e melhorasse substancialmente as condições de vida dos trabalhadores urbanos. Com isso, manteve nas zonas rurais e nas cidades interioranas do país uma enorme força eleitoral conservadora, que se tornou o fiel da balança da política brasileira. Força eleitoral, porém, que se realimenta continuamente do clientelismo político e, portanto, de relações institucionais corruptoras. (1994, p. 32)

A Revolução de 1930 foi baseada em falsas promessas para os mais pobres, que acreditavam que o novo governo resolveria todos os seus problemas, tratando as dificuldades do campo com prioridade, porém o foco foi apenas no setor industrial, pois caso acontecesse o contrário, a lógica capitalista de acumulação e exploração estaria em risco. A economia agrária continuou sendo o latifúndio e, sendo assim, a população camponesa era a mais prejudicada. Todos esses acontecimentos favoreceram para que famílias como a de Fabiano fossem formadas, ou seja, famílias no estado de subsistência, sem perspectivas e sem propriedade de terra.

Após a abolição da escravidão em 1888, foram impulsionadas a criação de leis trabalhistas, porém apenas em 1943. Nesse ano, houve a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), ainda no governo de Getúlio Vargas. Os trabalhadores teriam direito ao salário mínimo, jornada de trabalho de 8 horas, repouso semanal, férias remuneradas e assistência médica. Com a criação de leis trabalhistas, Vargas pretendia alcançar

legitimidade, além disso, como instituiu o Estado Novo - um dos períodos mais autoritários da história do país - buscava simbolizar a figura de -pai dos pobres. Reformas sociais e trabalhistas deveriam ser obrigações do Estado, porém Vargas, ao colocar suas propostas em plano, pretendia unificar a sociedade à ideologia populista, controlar os veículos de comunicação em massa e se aproximar da população para manipulá-la.

Na história política e econômica do Brasil ocorreram diversos surtos de modernização, impostos pela elite, que privaram a maioria da população em relação aos direitos e benefícios sociais. Algumas modernizações se sucederam: modernização urbanística, médica e industrial, porém -o povo, por esse meio, não participava da mudança: ele a padecia. Foi o que quis dizer Euclides da Cunha, ao notar que estávamos -condenados à civilização (FAORO, 1992, p.14), e é justamente isso que ocorre em *Vidas Secas*.

A modernização dividiu o Brasil em dois: um rico outro pobre; um civilizado outro violento; um com alimentos outro sem um mínimo de comida, um com acesso à educação e outro com baixo acesso. Há uma imensa dificuldade em consolidar o Brasil atrasado ao mundo mais adiantado, que é representado por um segundo Brasil.

Segundo Pereira (2016), enquanto países do norte no século XVIII e XIX já estavam com independência declarada, com um mercado estruturado, bom nível educacional e preparados para a revolução industrial, o Brasil permanecia intacto, pois apenas uma pequena elite participava da cultura e do consumo que vinha da Europa, enquanto a população brasileira permanecia sem educação e sob uma economia de subsistência.

De acordo com Oliven (2001), o Brasil é um dos países em que mais há desigualdades sociais e econômicas, tendo em vista a sua distribuição de renda, que é considerada a pior do mundo. Nesse sentido, o autor relata que enquanto outros países passaram por processos de industrialização e urbanização:

[...] o Brasil nunca mexeu em sua estrutura fundiária, em que há enormes latifúndios frequentemente improdutivos. Trata-se de um país que experimentou uma modernização conservadora em que o tradicional se combinou com o moderno, a mudança se articulou com a continuidade e o progresso vive com a miséria. (2001, p. 11)

Nas primeiras décadas do século XX a então capital do Brasil (Rio de Janeiro) passava por mudanças em sua estrutura, tendo agora saneamento básico, vacinas para a

população, grandes avenidas e novos costumes, porém, a vontade das autoridades públicas de construir uma população civilizada e modernizada semelhante à sociedade europeia acabaria promovendo uma dicotomia, que deixaria os habitantes do Brasil entre a modernidade e o arcaico.

Na parte do Brasil atrasado estavam os trabalhadores rurais, que eram vítimas da seca, da exploração do trabalho, da fome, da miséria, da baixa escolarização, dessa forma, era claro que essa população foi excluída da modernização, que deveria acontecer em todo o país, não apenas nas principais cidades da nação. Os personagens de *Vidas Secas* são os representantes desse atraso.

Seguindo a linha de pensamento de Silva (2014) acerca dos capítulos denominados –Cadeiall e –Soldado amarelo, observamos a presença do Estado como opressor na vida do sertanejo, no qual as falas e atitudes do soldado amarelo representam a política ditatorial da era de Vargas, além disso, a covardia e o autoritarismo são traços fortes que imperavam nesse período:

Nesse ponto um soldado amarelo aproximou-se e bateu familiarmente no ombro de Fabiano: - Como é, camarada? Vamos jogar um trinta-e-um lá dentro?

Fabiano atentou na farda com respeito e gaguejou, procurando as palavras de seu Tomás da bandoleira:

- Isto é. Vamos e não vamos. Quer dizer. Enfim, contanto, etc.

É conforme. Levantou-se e caminhou atrás do amarelo, que era autoridade e mandava. Fabiano sempre havia obedecido. Tinha muque e substância, mas pensava pouco, desejava pouco e obedecia.

Atravessaram a bodega, o corredor, desembocaram numa sala onde vários tipos jogavam cartas em cima de uma esteira.

- Desafasta, ordenou a polícia. Aqui tem gente.

Os jogadores apertaram-se, os dois homens sentaram-se, o soldado amarelo pegou o baralho. Mas com tanta infelicidade que em pouco tempo se enrascou.

Fabiano encalacrou-se também, Sinha Vitória ia danar-se, e com razão. (RAMOS, p. 14).

A atitude do soldado amarelo em convidar Fabiano para jogar cartas demonstra a prática de atividades ilícitas, pois o soldado, mesmo em horário de serviço, não se preocupa em exercer suas funções, deixando de cumprir os deveres de um cargo público. Dessa forma, o romance de Graciliano consegue apontar os maus agentes do poder público, e de certo modo, a corrupção encontrada nos supostos representantes da lei. Não há um nome próprio que determina o representante do Estado, visto que no país há vários soldados amarelos, sendo o anonimato uma maneira de manter em sigilo a corrupção praticada.

Por ter sido intimidado pelo soldado amarelo, Fabiano não conseguiu recusá-lo. Mesmo não sabendo se comunicar de forma clara e até mesmo com poucas palavras,

Fabiano demonstrou respeito ao soldado também pelo fato de utilizar farda, pois essa vestimenta demonstra autoridade. Sendo assim, Fabiano manifesta submissão para com o soldado, obedecendo-o sem levantar questionamentos.

Após Fabiano ter perdido boa parte de seu dinheiro com jogo e bebida, ele vai embora e demonstra estar frustrado e arrependido, já que acabou sendo obrigado a estar nessa situação. Nesse episódio há a presença mais enfática da violência, de acordo com os trechos a seguir:

Fabiano estremeceu. Chegaria à fazenda noite fechada. Entretido com o diabo do jogo, tonto de aguardente, deixara o tempo correr. E não levava o querosene, ia-se alumiar durante a semana com pedaços de facheiro.

Aprumou-se, disposto a viajar. Outro empurrão desequilibrou-o. Voltou-se e viu ali perto o soldado amarelo, que o desafiava, a cara enferrujada, uma ruga na testa. Mexeu-se para sacudir o chapéu de couro nas ventas do agressor. Com uma pancada certa do chapéu de couro, aquele tico de gente ia ao barro. Olhou as coisas e as pessoas em roda e moderou a indignação. Na catinga ele às vezes cantava de galo, mas na rua encolhia-se.

- Vossemecê não tem direito de provocar os que estão quietos.

- Desafasta, bradou o polícia.

E insultou Fabiano, porque ele tinha deixado a bodega sem se despedir.

- Lorota, gaguejou o matuto. Eu tenho culpa de vossemecê esbagaçar os seus possuídos no jogo?

Engasgou-se. A autoridade rondou por ali um instante, desejosa de puxar questão. Não achando pretexto, avizinhou-se e plantou o salto de reiúna em cima da alpercata do vaqueiro.

- Isso não se faz, moço, protestou Fabiano. Estou quieto. Veja que mole e quente é pé de gente.

O outro continuou a pisar com força. Fabiano impacientou-se e xingou a mãe dele. Aí o amarelo apitou, e em poucos minutos o destacamento da cidade rodeava o jatobá.

- Toca pra frente, berrou o cabo.

Fabiano marchou desorientado, entrou na cadeia, ouviu sem compreender uma acusação medonha e não se defendeu.

- Está certo, disse o cabo. Faça lombo, paisano.

Fabiano caiu de joelhos, repetidamente uma lâmina de facão bateu-lhe no peito, outra nas costas. Em seguida abriram uma porta, deram-lhe um safanão que o arremessou para as trevas do cárcere. A chave tilintou na fechadura, e Fabiano ergueu-se atordoado, cambaleou, sentou-se num canto, rosnando. (RAMOS, p.15-16).

Observando os costumes da época, vimos que o jogo e a bebida eram formas de distração aos sertanejos, pois o poder público não fornecia água encanada e nem luz elétrica à população, por conta disso, era uma forma de esquecer momentaneamente os problemas.

As atitudes do soldado amarelo não condizem com o que é esperado de um representante da lei, sendo que a violência está mais implícita no momento em que empurra e insulta o sertanejo pelo simples fato de -ter deixado a bodega sem se despedir, um motivo banal para que tais proporções fossem atingidas. Após todas as

provocações do soldado, Fabiano não viu argumentos e acabou xingando a mãe de seu agressor. Essa atitude fez com que o soldado solicitasse apoio de seus companheiros e conseqüentemente, acarretou na prisão de Fabiano, que não compreendia o motivo de seu cárcere.

Dentro da prisão é nítido o sofrimento de Fabiano, porém, Ferreira (2014) aponta que o Estado é responsável pela repressão ao ponto do indivíduo preferir se manter em silêncio para evitar outras punições:

A atitude de Fabiano de acato à autoridade representante do governo aponta que o Estado e seus aparelhos repressores se impõem ao social. Eles oprimem o indivíduo, restringem sua ação e vontade tornando seu poder reconhecido e internalizado a ponto de, num confronto direto, o vaqueiro preferir permanecer em silêncio, calar-se, para não receber outra punição, conforme estabelecido pela máquina do poder. (2014, p. 61)

Silva (2014) ainda observa que há uma dicotomia nas atitudes de Fabiano, –pois ao mesmo tempo em que respeita a presença abstrata do poder público, não reconhece a serventia da representação material deste mesmo governo por meio do soldado amarelo (p. 13). Os trechos a seguir exemplificam os pensamentos de Fabiano em relação ao governo, bem como seus questionamentos acerca da função de um soldado amarelo:

Então porque um sem-vergonha desordeiro se arrelia, bota-se um cabra na cadeia, dá-se pancada nele? Sabia perfeitamente que era assim, acostumara-se a todas as violências, a todas as injustiças. E aos conhecidos que dormiam no tronco e aguentavam cipó de boi oferecia consolações:
- –Tenha paciência. Apanhar do governo não é desfeita. ||
Mas agora rangia os dentes, soprava. Merecia castigo?
- An!
E, por mais que forcejasse, não se convencia de que o soldado amarelo fosse o governo. Governo, coisa distante e perfeita, não podia errar. O soldado amarelo estava ali perto, além da grade, era fraco e ruim, jogava na esteira com os matutos e provocava-os depois. O governo não devia consentir tão grande safadeza.
Afim para que serviam os soldados amarelos? Deu um pontapé na parede, gritou enfurecido. Para que serviam os soldados amarelos? (RAMOS, p. 17)

A figura de um soldado deveria representar a população, passar credibilidade, honestidade e respeito aos cidadãos, mas o que se foi visto foi exatamente o contrário. Com as atitudes do soldado amarelo, Fabiano teve a certeza que o governo está longe de ser perfeito, e, além disso, é muito injusto com os mais pobres, pois o fator –pobreza|| demonstrava inferioridade em relação ao governo.

Depois de solto, Fabiano teve a oportunidade de matar o soldado amarelo, mas não o fez: –se não fosse tão fraco, teria entrado no cangaço e feito misérias||. (RAMOS,

p. 61). O narrador também é quase um personagem dentro da obra, e dessa maneira, consegue fazer indagações: –Fabiano, meu filho, tem coragem. Tem vergonha, Fabiano. Mata o soldado amarelo. Os soldados amarelos são uns desgraçados que precisam morrer. Mata o soldado amarelo e os que mandam nele. (RAMOS, p. 62). Fabiano tinha consciência que se tivesse tal atitude, envelheceria na cadeia ou morreria, e, além disso, matar apenas um soldado amarelo não o livraria de outros soldados amarelos.

De acordo com Bastos (2015), o capítulo —Sinhá Vitória está dividido em duas projeções de experiências da personagem: o sonho em ter dignidade humana, através de uma cama de couro e de uma melhora significativa de vida e o medo do retorno da seca. Nos trechos a seguir o narrador deixa claro o primeiro desejo da personagem:

Sinhá Vitória desejava possuir uma cama igual à de seu Tomás da bolandeira. (RAMOS, p. 11)

Pobre de Sinhá Vitória. Não conseguiria nunca estender os ossos numa cama, o único desejo que tinha. Os outros não se deitavam em camas? Receando magoá-la, Fabiano concordava com ela, embora aquilo fosse um sonho. Não poderiam dormir como gente. E agora iam ser comidos pelas arribações. (RAMOS, p.63)

Sinhá Vitória combateu a dúvida. Porque não haveriam de ser gente, possuir uma cama igual à de seu Tomás da bolandeira? (RAMOS, p. 68)

O primeiro desejo de Sinhá Vitória é uma espécie de anseio em busca de dignidade, sendo que para alcançar seu objeto de desejo, a dona de casa sabe que seria preciso esforço por parte de Fabiano, que era quem trabalhava para conseguir dinheiro, mas para Fabiano ter uma cama não parecia ser uma prioridade. O fato de não dormir em uma cama aconchegante incomodava constantemente Sinhá Vitória, pois para ela o indivíduo só se torna gente quando possui uma cama igual a de seu Tomás da Bolandeira. Esse personagem só aparece nas lembranças do casal e pode ser considerado um modelo de conhecimento aos demais personagens, pois era alfabetizado, lia muito, votava e sabia se expressar com autonomia.

Sobre a segunda projeção, Sinhá Vitória tem medo do retorno da seca, pois tem conhecimento que esse fator colocaria todos, mais uma vez, a vagar pelo sertão em procura de abrigo. Por isso, essa personagem vê a fazenda como uma segurança para não retornarem às condições ainda mais desfavoráveis que já enfrentaram. Sobre a fazenda, Bastos aponta que:

[...] é o espaço de produção da sobrevivência e reprodução da sujeição e domínio, não apenas de sinhá Vitória e sua família, mas da sociedade representada no romance, o Nordeste brasileiro, o Brasil dos anos 30, mas com a dimensão universal própria da ficção de Graciliano Ramos. (2015, p.73)

Sinhá Vitória é uma personagem que não se rende às condições que está inserida, portanto, é considerada uma mulher forte. Segundo Costa e Sacramento (2012), –as mulheres desde sempre enfrentaram as demandas geradas pela opressão e ao mesmo tempo desenvolveram estratégias de resistência, ainda que silenciadas e confinadas ao espaço doméstico‖ (p. 62), isso significa dizer que, Sinhá Vitória quebrou alguns paradigmas durante o romance, pois era ela quem estava à frente do marido, quem tomava iniciativas, quem sonhava em ter o mínimo de dignidade e quem sabia fazer contas, características que muitas vezes eram atribuídas apenas aos homens.

Além do desejo pela cama, Sinhá Vitória tinha anseio por uma vida melhor, queria ver os filhos frequentando a escola, diferente dos pais, que não tiveram essa chance. Dessa forma, segundo os apontamentos de Carvalho e São José (2017) sobre os desejos dessa personagem:

[...] ao projetar-se nos sonhos do espaço psicológico externo, Sinhá Vitória influencia na busca por um futuro melhor, pois não se contenta e não aceita a realidade a sua volta, direciona suas ações e influencia Fabiano na tomada de decisões. Seu mundo interior a sufoca, incomoda, as paisagens são repugnantes, por isso pensa e idealiza um mundo diferente, novos horizontes, novas paisagens. (2017, p. 300)

Sendo assim, Sinhá Vitória é a responsável pela direção do grupo familiar, que se alimenta de esperanças em nome da família, mostrando estratégias a Fabiano, o seu desejo em ver os filhos estudando, e ainda, o desejo de mudar de cidade, pois acreditava que essa mudança seria benéfica no sentido de conseguir oportunidades de emprego mais favoráveis, o que geraria melhores condições de vida à família.

Essa personagem tem papel importante dentro do romance, pois através dela encontramos a representação da mulher nordestina, que não se rende à miséria. Além disso, é uma personagem marcante pela maneira que comanda o núcleo familiar, quebrando os paradigmas de uma sociedade predominantemente patriarcal, portanto, tem destaque na obra de Graciliano Ramos, tendo em vista que as mulheres ganharam maior visibilidade no século XX, passando a terem mais voz na sociedade.

Outros personagens em *Vidas Secas* são os dois filhos de Fabiano e Sinhá Vitória, que não possuem nomes próprios, mas características que lhes são vinculadas durante o romance. Os filhos são chamados apenas de menino mais novo e menino mais velho, porque, segundo Lima (2005, p. 14), não possuem –nomes próprios que o

distinguem de outras crianças, justamente porque eles representam todas as crianças brasileiras, vítimas da seca e principalmente, do descaso do poder público.

É interessante que esses personagens possuem capítulos diferentes na obra, o que nos mostra que a construção dos filhos do casal aconteceu de forma específica, uma estratégia para mostrar ao leitor que cada um dos filhos tinha pensamentos e características distintas.

O menino mais novo passava seus dias a admirar a profissão do pai, enquanto tentava amansar alguns animais da fazenda. Ele observava o pai durante muito tempo e quando esse fazia algo que o impressionava o menino era tomado por um sentimento de euforia, passando a imitar as atitudes do pai. Para o filho, o vaqueiro não era um bicho, mas um herói, pois –Fabiano lhe causava grande admiração (RAMOS, p. 26), principalmente por tê-lo como o seu único exemplo. Por conta disso, o sonho do menino era ser como o pai, viver da emoção de montar um animal bravo, ter habilidades com os animais e ser um homem forte.

[...] Precisava crescer, ficar tão grande como Fabiano, matar cabras a mão de pilão, trazer uma faca de ponta a cintura. Ia crescer, espichar-se numa cama de varas, fumar cigarros de palha, calçar sapatos de couro cru.

[...] Quando fosse homem, caminharia assim, pesado, cambaio, importante, as rosetas das esporas tilintando. Saltaria do lombo dum cavalo brabo e voaria na caatinga como pé de vento, levantando poeira. Ao regressar, apear-se-ia num pulo e andaria num pátio assim, torto, de pernas, gibão, guarda-peito e chapéu de couro com barbicacho. (RAMOS, p. 29).

Enquanto o menino mais novo sonhava em seguir os caminhos do pai, com o menino mais velho era diferente. Esse era curioso e mais apegado à mãe, e ao ouvir a palavra –inferno de Sinhá Terta, o menino começou a questionar esse vocábulo, já que nunca havia escutado e desconhecia o seu significado. Ele começou a questionar a Sinhá Vitória, que –distraída, aludiu vagamente a certo lugar ruim demais (RAMOS, p. 30). Seu intuito era de entender a palavra, pois –ia decorá-la e transmiti-la ao irmão e à cachorra. Baleia permaneceria indiferente, mas o irmão se admiraria, invejoso. (RAMOS, p. 32). Em busca de uma descrição mais exata, o menino tenta saber algo através de Fabiano, que o ignora. Dessa forma, o menino retorna à mãe para que lhe responda como é o inferno e se ela já teria visto esse lugar antes, porém, como não sabia responder, Sinhá Vitória irritou-se e lhe deu um cocorote.

De acordo com Nunes (2015), a agressão de Sinhá Vitória tinha a intenção de disciplinar o comportamento e o pensamento da criança, atitude essa que acabava

inibindo sua curiosidade e criatividade. No geral, os filhos do casal eram –vistos como imaturos e por isso reprime-se a manifestação infantil deles. Pode-se, por conseguinte, apreender que a família também acaba por reproduzir um sistema opressivo de controle e regulação (p. 177), ou seja, as crianças não podiam questionar, pois como consequência, poderiam ser punidas. Dessa forma, deveriam apenas aceitar e modelar suas condutas como as de um bom sertanejo, pois era –indispensável os meninos entrarem no bom caminho, saberem cortar mandacaru para o gado, consertar cercas, amansar brabos. Precisam ser duros, virar tatus (RAMOS, p. 12).

O menino mais velho se sentiu desapontado em saber que uma palavra como –inferno significaria algo tão ruim, assim como sua mãe havia lhe dito. Nesse momento de reflexão, o menino conta com a presença da cachorra Baleia, que era quem lhe proporcionava conforto afetivo. De acordo com Mazzoleni (2015), para o menino todos os lugares que conhecia eram considerados bons:

O pobre menino tentando descrever um lugar ruim demais, sem nunca ter visto um lugar como o tal, pensa em todos os lugares que conhece e que já frequentou, não encontrando um lugar ruim, pensa na distante serra ao qual a cachorrinha baleia ia caçar, e como pensar algo ruim de um lugar que possui tanta vida, um lugar em que até as populações de pedras e das plantas fervilham com vivacidade. O ato de chamar as pedras com a alcunha de população em si já é um ato de singularização parecido com o da descrição do inferno feita pelo menino antes. Este procedimento faz sentido na cabeça de um garoto como o filho de Fabiano, pois além de analfabeto e sem instruções escolares, suas inúmeras dúvidas não são sanadas pelos seus pais, o menino então busca explicações próprias e acaba colocando partes correspondentes que ele conhece, como a organização do ser humano, para objetos que ele não possui conhecimento, como as pedras. (2015, p. 15)

Os meninos não tinham noção da miséria que viviam, eram inocentes e não tinham grandes expectativas em relação ao futuro, e isso pode ser demonstrado através do menino mais novo em querer ser como o pai e do menino mais velho em considerar todos os lugares em sua volta como bons. Sinhá Vitória era a única que tinha um pouco de consciência sobre o futuro das crianças, portanto, ela se preocupava no que as crianças seriam quando crescessem. No diálogo entre Sinhá Vitória e Fabiano, percebe-se a consciência que a sertaneja possuía, pois não desejava aos filhos a mesma vida miserável que viviam:

(...) Olharam os meninos, que olhavam os montes distantes, onde havia seres misteriosos. Em que estariam pensando? zumbiu Sinhá Vitória. Fabiano estranhou a pergunta e rosnou uma objeção. Menino é bicho miúdo, não pensa. Mas Sinhá Vitória renovou a pergunta - e a certeza do marido abalou-

se. Ela devia ter razão. Tinha sempre razão. Agora desejava saber que iriam fazer os filhos quando crescessem.

- Vaquejar, opinou Fabiano.

Sinha Vitória, com uma careta enjoada, balançou a cabeça negativamente, arriscando-se a derrubar o baú de folha. Nossa Senhora os livrasse de semelhante desgraça. Vaquejar, que idéia! Chegariam a uma terra distante, esqueceriam a catinga onde havia montes baixos, cascalhos, rios secos, espinho, urubus, bichos morrendo, gente morrendo. Não voltariam nunca mais, resistiriam à saudade que ataca os sertanejos na mata.

Então eles eram bois para morrer tristes por falta de espinhos? Fixar-se-iam muito longe, adotariam costumes diferentes. (RAMOS, p. 68)

O último fator a ser analisado trata-se da desumanização dos retirantes, em especial, a de Fabiano e a humanização da cachorra Baleia. Para estar nessa situação, Fabiano tem a influência do espaço (o sertão nordestino) e do meio social, que é caracterizado pela falta de recursos básicos e a exploração através dos personagens autoritários da obra. De um modo geral, os personagens retirantes são vistos como bichos, tendo em vista que esses não se comunicam de maneira frequente, e quando o fazem, é através de onomatopeias e monossílabos.

Embora o narrador anuncie a posição animalesca atribuída a Fabiano, o próprio personagem tem consciência de sua condição, retirando a sua humanidade e se reconhecendo como bicho. Além disso, a presença dos brancos fazia com que ele se sentisse inferior, julgando-se cabra. Os -cabras|| eram os descendentes de negros, e por estes terem sido escravos, eram considerados à margem da sociedade, e era como Fabiano se sentia:

- Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta.

Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo-o falar só. E, pensando bem, ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. Vermelho, queimado, tinha os olhos azuis, a barba e os cabelos ruivos; mas como vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra. Olhou em torno, com receio de que, fora os meninos, alguém tivesse percebido a frase imprudente. Corrigiu-a, murmurando: - Você é um bicho, Fabiano. Isto para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades. Chegara naquela situação medonha - e ali estava, forte, até gordo, fumando o seu cigarro de palha. - Um bicho, Fabiano.

Era. Apossara-se da casa porque não tinha onde cair morto, passara uns dias mastigando raiz de imbu e sementes de mucunã. Viera a trovoada. (RAMOS, p. 8-9)

Fabiano não era alfabetizado, se comunicava através de ruídos e frases incoerentes, reconhecia a sua incapacidade de falar e admirava as pessoas da cidade, pois essas sabiam articular a linguagem e se comunicarem de forma frequente, diferente de Fabiano, que não mantinha um contato direto nem com a própria família:

Às vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos - exclamações, onomatopeias. Na verdade falava pouco. Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir algumas, em vão, mas sabia que elas eram inúteis e talvez perigosas. (RAMOS, p. 9)

Tinha uma boa relação com os animais, pois perto dos homens se sentia inferior e menosprezado. Não era de demonstrar sentimentos, era um ser bruto e resistente, pois a seca o obrigava a ser assim. A fome, a miséria e a opressão eram as grandes tormentas provocadas pela seca que colocavam Fabiano longe de qualquer melhora de vida, o deixando longe das condições de convivência humana e o aproximando dos animais, estabelecendo uma relação tão intensa, que, muitas vezes, se confundia com os bichos:

Vivia longe dos homens, só se dava bem com animais. Os seus pés duros quebravam espinhos e não sentiam a quentura da terra. Montado, confundia-se com o cavalo, grudava-se a ele. E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia. (RAMOS, p. 9)

Quando a família vai para uma festa de natal na igreja, eles usam trajes típicos das pessoas da cidade, porém, não se sentem à vontade, não tinham costume com roupas tão chiques, tanto é que não conseguem encontrar conforto nos trajes e sapatos, retirando parte de seus acessórios. Dessa maneira, a família demonstrava estar fora do padrão, não tendo como se adaptar aos costumes dos demais por vivenciarem uma cruel realidade que os animalizava.

Apesar de Sinhá Vitória ter mais conhecimento que Fabiano por saber fazer contas, ela não escapa do processo de desumanização. Isso pode ser evidenciado em sua ausência de diálogo, escassez de linguagem, dificuldade em se comunicar e em sua atitude de beijar –o focinho de Baleia, e como o focinho estava ensanguentado, lambia o sangue e tirava proveito do beijo (RAMOS, p. 6). Isso prova que a personagem usava o seu instinto de sobrevivência, agindo sem nenhuma razão, pois um ser humano não agiria da mesma maneira.

Quanto à cachorra Baleia, essa passa pelo processo de humanização, pois o narrador lhe atribui características que não são atribuídas a seres irracionais, portanto, o animal é considerado um membro da família: –Ela era como uma pessoa da família: brincavam juntos os três, para bem dizer não se diferenciavam, rebojavam na areia do rio e no estrume fofo que ia subindo, ameaçava cobrir o chiqueiro das cabras. (RAMOS, p.

47). Baleia tem um capítulo específico que narra a sua vida, aflições e morte, e, além disso, é uma personagem que tem suma importância para o conjunto do romance. Era um animal diferente dos demais, era de companhia e trabalho e demonstrava um grande sentimento pela família de retirantes, principalmente pelo menino mais velho.

É interessante notar que o animal possuía um nome, diferente dos filhos de Fabiano, que em nenhum momento tem seus rostos enfocados pelo narrador, sabíamos apenas que eram finos, magros e sujos e, além disso, sobre um dos meninos, sua atitude era narrada semelhantemente a animal: *“Rodeou o chiqueiro, mexendo-se como um urubu, arremedando Fabiano”*. (RAMOS, p. 27). Sobre os meninos, Malard aponta que:

[...] vivem enlameados com porcos, encobertos do barro com que brincam. Sujos e desprovidos de fisionomia, transformam-se em animais e, no caso, animais anônimos e indefesos. Não lhes basta a impiedade das condições socioeconômicas em seu processo de animalização. Sofrem também a impaciência, a incompreensão e a injustiça não conscientizada dos pais (Malard, 1976, p. 127).

Desse modo, é perceptível que os meninos eram rebaixados e retirados da condição de ser humano, sendo que Baleia passava a assumir esse papel. Além disso, nas descrições de Baleia, o narrador mostra que ela possuía sentimentos e que se sentia como parte da família, tanto é que ela caçava preás, como se sentisse na obrigação de ajudar seus donos de alguma maneira. Isso demonstra que a cachorra tinha um sentimento de solidariedade e amor com os demais, algo que geralmente é encontrado apenas nos seres humanos.

Como se acreditava que Baleia estava com princípio de hidrofobia, Fabiano tinha o plano de matá-la. Sabendo que a morte se aproximava, as reações de Baleia tornaram-se ainda mais humanas:

[...] Examinou o terreiro, viu Baleia coçando-se a esfregar as peladuras no pé de turco, levou a espingarda ao rosto. A cachorra espiou o dono desconfiada, enroscou-se no tronco e foi-se desviando, até ficar no outro lado da árvore, agachada e arisca, mostrando apenas as pupilas negras. (RAMOS, p. 48)

Os momentos que antecedem a sua morte são narrados a partir das aflições interiores da própria cachorra, sob tal perspectiva percebemos sentimentos como raiva e medo:

Ao chegar às catingueiras, modificou a pontaria e puxou o gatilho. A carga alcançou os quartos traseiros e inutilizou uma perna de Baleia, que se pôs a latir desesperadamente. Ouvindo o tiro e os latidos, sinhá Vitória pegou-se à Virgem Maria e os meninos rolaram na cama chorando alto.

[...] Baleia fugiu precipitada, rodeou o barreiro, entrou no quintalzinho da esquerda, passou rente aos craveiros e as panelas de losna, meteu-se por um buraco da cerca e ganhou o pátio, correndo em três pés.

[...] Caiu antes de alcançar essa cova arredada. Tentou erguer-se, endireitou a cabeça e estirou as pernas dianteiras, mas o resto do corpo ficou deitado de banda. Nesta posição torcida, mexeu-se a custo, ralando as patas, cravando as unhas no chão, agarrando-se nos seixos miúdos. Afinal esmoreceu e aquietou-se junto às pedras onde os meninos jogavam cobras mortas.

Uma sede horrível queimava-lhe a garganta. Procurou ver as pernas e não as distinguiu: um nevoeiro impedia-lhe a visão. Pôs-se a latir e desejou morder Fabiano. Realmente não latia: uivava baixinho, e os uivos iam diminuindo, tornavam-se quase imperceptíveis.

[...] Olhou-se de novo, aflita. Que lhe estaria acontecendo? (RAMOS, p. 48-49)

Os últimos instantes de Baleia são narrados como esperançosos, como se ela ao morrer, realizasse seu sonho: -Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás. E lamperia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme. (...) O mundo ficaria todo cheio de preás, gordos, enormes. (RAMOS, p. 50). De acordo com CARBONEL e PALERMO, sobre o sonho de Baleia (s/d, p. 16):

[...] iria realizar-se na morte e ainda uma última vez sua humanização a eleva: seu sonho não é egoísta, não é um sonho exclusivamente material e individual. Baleia – e nesse ponto há uma aproximação com Fabiano – pensa em um mundo no qual a felicidade inclui sua família, Fabiano e os meninos (implicando-se Sinhá Vitória). Baleia, nesse pensamento altruísta e solidário, consegue ser mais humana que as demais personagens, mas o efeito no plano narrativo não é apenas o de humanizar a cachorra – o que, acreditamos, não fosse a intenção do autor nessa construção – mas, principalmente, o de, pelo efeito contrastivo, dimensionar a reificação dos indivíduos na existência brutalizante do sertão.

Graciliano Ramos usou o recurso da desumanização para demonstrar as condições que os retirantes se encontravam, visto que a seca era uma das principais causas para a animalização dos personagens, pois os obrigava a viver de acordo com seus instintos, semelhantemente aos animais. Nesse contexto, a seca não era representada apenas como um fator climático, mas como a responsável pelas atrocidades na vida de um indivíduo. Apesar disso, as dificuldades enfrentadas pela família iam além do meio geográfico, pois sabemos que o nordestino não usufruía de nenhum privilégio social, tendo em conta que não eram considerados pelo sistema político estabelecido.

Mesmo sendo uma obra ficcional, os temas abordados em *Vidas Secas* continuam atuais. Fome, miséria, seca, baixa escolarização, injustiças e falta de oportunidades continuam frequentes no Nordeste brasileiro. Pouco se faz para melhorar

a condição de vida da população nordestina, os retirantes fabianos continuam existindo. De acordo com Araújo (2014), a narrativa de *Vidas Secas*:

[...] oferece uma realidade reconhecível, mas se trata de uma realidade entre aspas, verossímil, considerada real, embora não o seja; trata-se de um mundo entrelaçado por elementos históricos e sociais, resultado de um passado problemático, de injustiças sociais, que se mantém em relação estreita com o presente. (2014, p. 107)

Ao final do romance, denominado –fuga||, os personagens se dirigem para o sul, com a esperança de lá encontrarem melhores condições, já que no sul o processo de modernização e urbanização estava presente, dessa forma, acreditavam que iriam progredir:

Pouco a pouco uma vida nova, ainda confusa, se foi esboçando. Acomodar-se-iam num sítio pequeno, o que parecia difícil a Fabiano, criado solto no mato. Cultivariam um pedaço de terra. Mudar-se-iam depois para uma cidade, e os meninos frequentariam escolas, seriam diferentes deles. (RAMOS, p. 71)

Famílias como a de Fabiano deixaram o Nordeste em busca da terra prometida, do dinheiro farto do sul, mas essas famílias foram aquelas que trabalharam em indústrias automobilísticas, multinacionais e que ajudaram a construir várias cidades. Essas famílias vislumbraram de alguma maneira uma melhora de vida, pois saíram da seca, da fome e da miséria do sertão, mas não encontraram exatamente uma mudança de condição social, uma vez que nas cidades também encontraram outros problemas, outras dificuldades, como o desemprego, a violência, a civilização, a exploração, mas dessa vez não por um latifundiário, mas por uma outra espécie de exploração.

O primeiro capítulo –Mudança|| e o último –fuga|| demonstram que não há uma transformação, mas uma fuga sem fim. Candido aponta que –este encontro do fim com o começo, forma um anel de ferro, em cujo círculo sem saída se fecha a vida esmagada da pobre família de retirantes-agregados-retirantes|| (2006, p. 151). Dessa maneira, mesmo que os sertanejos tentem escapar de uma ordem social e natural, nunca haverá uma saída virtuosa e nem mesmo a possibilidade de escapar da exploração, da desumanização e da reificação, posto que a classe trabalhadora é sempre massa explorada de uma ordem capitalista, que não permite que hajam mudanças na situação econômica, social e política, mantendo as mesmas estruturas de sempre, consentindo a permanência do atraso, marca d'água da condição histórica brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho pretendeu mostrar como a obra *Vidas Secas* faz uma interpretação do Brasil, através de seus personagens e do contexto histórico enfrentado pelo país, bem como uma análise dos fatos da história brasileira que demonstram que o Brasil é atrasado em todos os seus aspectos. O passado brasileiro tem se escondido muitas vezes nas aparências do moderno, por conta disso, a literatura tem um papel importante para relatar e evidenciar os grandes conflitos, sendo também um modo de interpretação da formação do país, permitindo fazer uma reflexão da situação atual do Brasil.

A narrativa de Graciliano Ramos é plena realização estética, com vigor social e psicológico, o que permite refletir as condições de vida de um indivíduo, assim como acontece na família de Fabiano. Dessa forma, é perceptível que Graciliano superou o mero documento social regionalista, e segundo o neto do escritor, Ricardo Ramos, (BUARQUE, 2018) a obra de Graciliano não seria puramente regionalista, o drama da família poderia ocorrer em qualquer lugar do mundo em que existam dificuldades climáticas, políticas, de existência. Poderia se passar na Síria, Bósnia, cantos miseráveis da África.

O especialista sobre a obra do autor, Wander Melo Miranda, (SIQUARA, 2018) também considera que –a questão dos retirantes continua visível nos nossos dias, mas eles aparecem agora com outro nome: refugiados. São pessoas que estão completamente abandonadas, têm que sair de onde estão; eles são os deserdados da terra. Sendo assim, os temas abordados em *Vidas Secas* não envelheceram, pois até os dias atuais encontramos pessoas nas mesmas condições de Fabiano e sua família, demonstrando a persistência do atraso.

A obra de Graciliano é alvo de diversos estudos, tanto de estudiosos nacionais quanto de estrangeiros. Esse interesse se dá principalmente pelo aspecto de universalidade que a obra apresenta, em que há um destaque em relação a outras obras, pois as ideias do autor são quase sempre próximas do real. Por conta disso, sua obra apresenta um caráter reflexivo, pois *Vidas Secas* busca figurar os excluídos sociais e suas condições, que são vítimas das classes favorecidas e de suas relações de poder. Dessa forma, ao relacionarmos a obra com a história do Brasil, compreendemos que essa história sempre foi lenta, pois pouco foi feito para a população nordestina, estando ainda excluída, enfrentando principalmente a fome, miséria e baixo acesso à educação.

Esses fatores fizeram com que essa população migrasse para os grandes centros urbanos, na ilusão de se beneficiarem de um outro Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, José de. **O Sertanejo**. Rio de Janeiro, Livreiro-editor do Instituto Histórico, 1875.

ALMEIDA, José Maurício Gomes de. **A tradição regionalista no romance brasileiro**. Rio de Janeiro, Editora Achiamé, 1981.

ARAGÃO, Carmélia Maria. **Luzia-Homem: aspectos da crítica sobre uma obra**, Ceará, 2008. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/8076/1/2008_dis_cmaragao.pdf. Acesso em: 15 set 2019.

ARAÚJO, Gracineia dos Santos. **A fuga da miséria e da fome no romance Vidas Secas, do escritor Graciliano Ramos**, REVELL - Revista de Estudos Literários da UEMS - ANO 5, v.1, Número 8 - TEMÁTICO Questões em torno do marginal: entre a tradição e a inovação ISSN: 2179-4456 Julho de 2014. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/401>. Acesso em 22 set 2019.

BASTOS, Hermenegildo José de Menezes. **A rotina de sinhá Vitória: sonhos num mundo recalcitrante**. O eixo e a roda, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 71-84, 2015. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/8499. Acesso em: 22 set 2019.

BASTOS, Hermenegildo José de Menezes. **Formação e representação**. Cerrados: Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura, n. 21, ano 15, p. 91 – 112, 2006. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/3851>. Acesso em: 10 dez 2019.

BOGNI, Lianeide. WOLFF, Selma Barbosa. CANABARRO, Tâmara. **Ensaio ao pensamento de Euclides da Cunha e a visão do sertanejo nordestino**. Revista Historiador, Ano 01, nº 1, 2008. Disponível em: <http://www.historialivre.com/revistahistoriador/um/lianeide.pdf>. Acesso em: 20 nov 2019.

BUARQUE, Milena. 80 anos de Vidas Secas: 'Tema não envelheceu', diz neto de Graciliano Ramos. **Jornal Huffpost Brasil**, 2018. Disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/2018/04/09/a-atualidade-de-vidas-secas-segundo-o-neto-de-graciliano-ramos_a_23406944/. Acesso em: 05 dez 2019.

BUENO, Luís. **Uma história do romance de 30**. São Paulo/Campinas: EDUSP/UNICAMP, 2006.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. **A construção política do Brasil: Sociedade, economia e Estado desde a Independência**. São Paulo, Editora 34, 2014.

CALASANS, José. **Os Jagunços de Canudos**. In: Cahiers du monde hispanique et luso-brésilien, nº15, Brésil. pp. 31-38, 1970. Disponível em:

https://www.persee.fr/doc/carav_0008-0152_1970_num_15_1_1772. Acesso em: 05 set 2019.

CANDIDO, Antonio. **A Educação Pela Noite & Outros Ensaios**. São Paulo, Editora Ática, 1989.

CANDIDO, Antonio. **O romantismo no Brasil**. São Paulo, Editora Humanitas, 2ª Ed. 2002.

CANDIDO, Antonio. **Ficção e Confissão - Ensaios sobre Graciliano Ramos**. Rio de Janeiro, 3ª edição, Ouro sobre Azul, 2006.

CARA, Salete de Almeida. **Luzia-Homem: um romance naturalista**. O eixo e a roda: v. 22, n. 1, 2013. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/5366. Acesso em: 25 out 2019.

CARBONEL, Thiago Ianez, PALERMO, Iraídes Fátima Bogni. **A retórica da reificação: reflexos contextuais no romance Vidas Secas, de Graciliano Ramos**. Disponível em: <http://simelp.fflch.usp.br/sites/simelp.fflch.usp.br/files/inline-files/S3009.pdf>. Acesso em: 14 nov 2019.

CARVALHO, Agenor Francisco de. SÃO JOSÉ, Elisângela Cristiane Rozendo de. **Empoderamento feminino em Vidas Secas, de Graciliano Ramos**. REVELL v.2, nº 16 - Literatura e Oralidade, 2017. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/1505/pdf>. Acesso em: 14 nov 2019.

COSTA, Maria Margarete Souza Campos, SACRAMENTO, Sandra Maria Pereira do. **Sinha Vitória e os desafios de uma mulher nordestina**. Revista Língua & Literatura, Frederico Westphalen, v. 14, nº 22, p. 70-8, Ago. 2012. Disponível em: <http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistalinguaeliteratura/article/view/321/733>. Acesso em: 25 nov 2019.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo, Três, 1984.

FAORO, Raymundo. **A questão nacional: a modernização**. Estudos Avançados 6 (14), 1992. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9563>. Acesso em: 26 nov 2019.

FERNANDES, Florestan. **A sociologia no Brasil**. Petrópolis, Vozes, 1977.

FERNANDES, Florestan. **Sociedade de classes e subdesenvolvimento**. Rio de Janeiro, Zahar, 1968.

FERREIRA, Juliana Cristina. **Sociedade, cultura e identidade em Vidas Secas, de Graciliano Ramos e os Magros, de Euclides Neto**, Catalão, 2014. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/4585>. Acesso em: 20 nov 2019.

FIORAVANTI, Livia Maschio. **A questão agrária e o “Poder do atraso”: uma discussão a partir da obra de José de Souza Martins e Ariovaldo Umbelino de Oliveira**, v. 09, n. 02, São Paulo, 2016. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/geoemquestao/article/view/13980/11248>. Acesso em: 30 ago 2019.

LIMA, Lilian Victorino Félix de. **Os dois meninos: a infância em Vidas Secas**. Baleia na Rede. Revista online do Grupo de Pesquisa e Estudos em Cinema e Literatura, 2005. Disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/baleianarede/article/view/1340>. Acesso em: 28 set 2019.

MAGALHÃES, Belmira. **A particularidade estética em Vidas Secas, de Graciliano Ramos**. São Paulo, Instituto Lukács, 2015.

MALARD, Leticia. **Ensaio de Literatura Brasileira: ideologia e realidade em Graciliano Ramos**. Belo horizonte, Itatiaia, 1976.

MARTINS, José de Souza. **O Poder do Atraso - Ensaios de Sociologia da História Lenta**. São Paulo, Editora Hucitec, 1994.

MAZZOLENI, Artur Gasperin. **Vidas secas, de Graciliano Ramos: a estética, a narrativa e a construção das personagens protagonistas**. 2015. [29] f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Letras - Português)-Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: http://bdm.unb.br/bitstream/10483/11927/1/2015_ArturGasperinMazzoleni.pdf. Acesso em: 25 ago 2019.

MORAIS, Ezeal Vieira de. **A Construção da seca a partir da literatura: Uma análise das obras literárias, a Fome, Luzia-Homem e o Quinze**. Graduado em História pela Universidade Regional do Cariri-URCA entre 1997 e 2000. Disponível em: <https://even3.blob.core.windows.net/anais/83451.pdf>. Acesso em: 19 out 2019.

NASCIMENTO, Ana Clara da Silva. **Construção da identidade docente da escola do assentamento Chico Mendes I**, Riachão do Poço, Paraíba. João Pessoa: UFPB, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/14640/1/ACSN26022018.pdf>. Acesso em: 10 nov 2019.

NUNES, Maristela Aparecida. **A representação da infância no romance Vidas Secas**. XII Congresso Nacional de Educação. PUCPR, Curitiba, 2015. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/16680_9164.pdf. Acesso em: 30 out 2019.

OLÍMPIO, Domingos. **Luzia-Homem**. São Paulo, 9.ed, Ática, 1983.

OLIVEN, Ruben George. **Cultura e modernidade no Brasil**. São Paulo em perspectiva 15(2), 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/spp/v15n2/8571.pdf>. Acesso em: 20 nov 2019.

PATTO, Maria Helena Souza. **O mundo coberto de penas, Família e utopia em Vidas Secas**. ESTUDOS AVANÇADOS, 26 (76), 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v26n76/22.pdf>. Acesso em: 26 set 2019.

PIMENTEL, Telmo de Maia. **História e transfiguração em Os Sertões, de Euclides da Cunha**. 2010, 80f. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós Graduação stricto sensu em Literatura e Crítica Literária. Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2010. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/3806/2/Telmo%20De%20Maia%20Pimentel.pdf>. Acesso em: 12 set 2019.

RAMOS, Graciliano. **Caetés**. Rio de Janeiro - São Paulo, Editora Record, 2013.

RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. Rio de Janeiro - São Paulo, Editora Record, 88ª Edição, 2009.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 45ª Edição - Álvaro Lins, e-book.

REZENDE, Maria José de. **Os sertões e os (des)caminhos da mudança social no Brasil**. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 13(2): 201-226, novembro de 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ts/v13n2/v13n2a11.pdf>. Acesso em: 20 out 2019.

RIBEIRO, Filipe Giuseppe Dal Bo. **Os sertões, a geografia e a crítica na visão euclidiana**. XVIII Encontro Nacional de Geógrafos, 2016. Disponível em: http://www.eng2016.agb.org.br/resources/anais/7/1465090429_ARQUIVO_Ossertoos,a_geografiaeacriticanavisaoeuclidiana.pdf. Acesso em: 12 set 2019.

SILVA, Anderson Cristiano da. **A relação entre Vidas Secas e Elite da Tropa: Reflexões para formação de um leitor crítico-reflexivo**. Mestrado em Letras: Linguagem, Cultura e Discurso / UNINCOR V. 11 - N.º 1 (janeiro-junho – 2014). Disponível em: <http://periodicos.unincor.br/index.php/recorte/article/view/1212>. Acesso em: 16 out 2019.

SIQUARA, Carlos Andrei. Quando ficar não é opção: 'Vidas Secas' completa 80 anos. **Jornal O Tempo**, 2018. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/diversao/quando-ficar-nao-e-opcao-vidas-secas-completa-80-anos-1.1594259>. Acesso em: 05 dez 2019.